

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DO SERIDÓ
CAMPUS DE CAICÓ – DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA DO CERES
ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA

THAMARA JULIANA MACÊDO COSTA

**MEMÓRIAS NEGRAS: COMPONDO NOVAS/VELHAS HISTÓRIAS (CURRAIS
NOVOS/RN)**

CAICÓ,
20 DE ABRIL DE 2016

THAMARA JULIANA MACÊDO COSTA

**MEMÓRIAS NEGRAS: COMPONDO NOVAS/VELHAS HISTÓRIAS (CURRAIS
NOVOS/RN)**

Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade Artigo, apresentado ao Curso de Especialização em História e Cultura Africana e Afro-Brasileira, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ensino Superior do Seridó, Campus de Caicó, Departamento de História, como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista, sob orientação do Prof. Dr. Joel Carlos de Souza Andrade.

CAICÓ,

20 DE ABRIL DE 2016

Dedico esse estudo a minha permanente ignorância, pois é através dela que descubro a magia e a lucidez do novo, do aprender constantemente influenciado pela incompletude do tudo, levando-me a conhecer caminhos que a minha introspecção jamais almejou chegar; a tantas inteligências que nunca esperei frequentar... Sombras da dúvida, do gostoso e incólume mistério que é viver.

AGRADECIMENTOS

A DEUS, por me ensinar que não posso confiar apenas em mim e nem na minha vontade, mas na dEle;

A minha família, baluarte nas minhas aflições;

A minha doce e meiga sobrinha *Gleyce* e minha amiga *Laisa* pelas incalculáveis ideias e sugestões;

A minha velha e companheira insônia, por me proporcionar taciturnas noites de euforias intelectuais.

Aos mestres dessa especialização, pela dedicação, motivação e ensinamentos;

A colônia de narradores desse estudo (*Cassildo, Edilson e Generosa*), pela confiança, disponibilidade e honra em nós depositadas em divulgar suas reminiscências em prol da pesquisa histórica;

Ao meu querido orientador, *Dr. Joel Carlos Souza Andrade*, primeiro, por suas respeitáveis capacidades cognitivas e intelectuais; segundo, pelo ser humano inquestionável que soube como ninguém, dialogar e praticar palavras tais como: paciência, humildade, dedicação, cumplicidade, dentre outras;

“A experiência de um negro nenhum branco tem”

Poeta Negro Cuti

Artigo apresentado a Universidade Federal do Rio Grande do Norte como requisito necessário para obtenção do grau de Especialista em História e Cultura Africana e Afro-brasileira. Qualquer citação atenderá as normas da ética científica.

THAMARA JULIANA MACEDO COSTA

BANCA EXAMINADORA

Dr. Joel Carlos de Souza Andrade
Orientador

Dr. Maria de Fátima Garcia
1º Examinador

Dr. Juciene Batista Felix Andrade
2º Examinador

CAICÓ/RN, ____ de _____ de 2015.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
I NEGRO SERIDOENSE: UM REPENTE “QUASE” ESQUECIDO PELA MEMÓRIA.....	11
II PERCORRENDO OS CAMINHOS CERTEAUNIANOS: “ARTES DE FAZER”	18
III HISTÓRIA ORAL: DESCOBRINDO OS RECANTOS EMPOEIRADOS DE MEMÓRIA	22
IV DENTRE REMINISCÊNCIAS E RETÓRICAS A VIDA SE COMPÕE.....	26
V CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	49
ANEXOS.....	Erro! Indicador não definido.

MEMÓRIAS NEGRAS: COMPONDO NOVAS/VELHAS HISTÓRIAS (CURRAIS NOVOS/RN)

Thamara Juliana Macedo Costa¹

Orientador: Dr. Joel Carlos de Souza Andrade

RESUMO

A relação entre História e memória tornou-se cada vez mais intensa e vem fomentando diálogos significativos para o futuro da Historiografia, a saber, o trabalho com a metodologia oral e seus impactos para a História. Também, com a aprovação da Lei 10.639/03 que garante a ressignificação e valorização das matrizes africanas que formam a diversidade cultural brasileira, o ensino da História e da Cultura africana e afro-brasileira tornou-se indispensável no âmbito das academias e fora dela. Perante isso, essa pesquisa foi projetada com o objetivo de Investigar personalidades negras em suas vivências cotidianas, suas práticas, visões de mundo, singularidades e astúcias habituais na cidade de Currais Novos/RN. Desta feita, O trato metodológico foi realizado através da História oral e revisão da bibliografia do negro na literatura nacional e seridoense e os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram: a observação, realização de entrevistas, transcrição e análise do material. Tendo como seus principais embaixadores teóricos Certeau (1994); Chartier (1998); Nora (1993), Silva (2010), Mattos (1985), entre outros. No tocante aos resultados, as memórias aqui problematizadas e que foram transformadas nas folhas desse artigo em História, comprovaram que através de suas astúcias, trejeitos, ousadias, espertezas, estratégias e diferentes maneiras de praticar “as artes de fazer”, o negro mostrou através dos sujeitos entrevistados que é possível burlar os percalços impostos historicamente e presentemente pelos sistemas de dominação da sociedade, revelando que essas dificuldades podem ser minimizadas na medida em que o indivíduo deixa-se ser tocado pelas suas potencialidades e valoriza aquilo que é mais sagrado para a humanidade: a vida, nas suas multifacetadas formas de manifestação.

Palavras-chave: Memórias. Práticas cotidianas. História oral

ABSTRACT

The relationship between history and memory has become increasingly intense and is promoting meaningful dialogue for the future of historiography, namely working with the oral methodology and their impact on history. Also, with the approval of Law 10.639 / 03 which

¹ Graduada em História Licenciatura pela UFRN; Mestre em Ciências da Educação pela ISEL/BRASÍLIA. Atua como professora em escolas públicas e em instituições acadêmicas privadas. Pesquisa atualmente nas áreas de História cultural, ensino de História e Educação Contemporânea. Thamyprof.010@gmail.com.

guarantees the reframing and appreciation of African origin that form the Brazilian cultural diversity, the teaching of history and African culture and african-Brazilian has become indispensable in the context of the academies and beyond. In view of this, this research was designed in order to investigate black personalities in their daily experiences, practices, worldviews, and singularities usual gimmicks in the city of Currais Novos / RN. This time, the methodological treatment was conducted through oral history and review of the literature on black national and Seridó literature and instruments used to collect data were observation, interviews, transcription and analysis of the material. Having as its main theoretical embasadores Certeau (1994); Chartier (1998); Nora (1993), Smith (2010), Mattos (1985), among others. Regarding the results, the memories here problematized and which have been processed on the leaves of this article in history, proved that through their wiles, mannerisms, daring, cunning, strategies and different ways to practice "the art of doing", the black shows through of interviewees that can circumvent mishaps taxes historically and presently by the domination of society systems, revealing that these difficulties can be minimized to the extent that the individual ceases to be touched by its potential and value what is most sacred to the humanity: life in its multifarious manifestations.

Key words: Memories. Daily practices. Oral history

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre História oral têm encontrado respaldo na comunidade científica atual e ampliou o debate em torno das novas metodologias utilizadas na pesquisa histórica. Perante isso, A possibilidade/validade dessa pesquisa se deu pela necessidade de se discutir e reconhecer a importância que sujeitos “negros”, em Currais Novos/RN, apresentam com relação as suas experiências vividas, suas práticas e representações, como também permitir uma apreciação sobre suas vivências particulares, suas relações com o preconceito e com o espaço/tempo em que vivem.

Desta feita, o objetivo geral dessa pesquisa foi investigar personalidades negras em suas vivências cotidianas, suas práticas, visões de mundo, singularidades e astúcias habituais no lugar que a operação científica permitiu. Além de acentuar a importância do trabalho com a História oral; trabalhar as diversas composições narrativas e descontinuidades históricas presentes na vida desses indivíduos, e propor novos enfoques investigativos que se desviem da noção de grupos como as comunidades quilombolas e as irmandades.

Outrossim, esse estudo foi relevante porque contribuiu para produzir uma sondagem/análise local e sociocultural dessas personalidades negras na cidade, destacando de que maneira essas pessoas foram silenciadas, como burlavam certas situações e como conviveram e convivem com a discriminação e o preconceito no lócus da pesquisa, inspirando novas abordagens de pesquisa que não se limitem apenas ao diálogo com as

comunidades quilombolas e irmandades, mas proponha novos olhares a sujeitos que de alguma forma foram marginalizados, sobretudo, os que não tiveram lugares privilegiados na sociedade do poder e do domínio. E nesse sentido, deambular sobre a complexidade da vida.

E por fim, essa pesquisa foi inspirada na tentativa de ressaltar ainda mais a cultura afro-brasileira como constituinte e formadora da sociedade brasileira, na qual os negros são considerados como sujeitos históricos, valorizando-se, portanto, o pensamento, costumes e as astúcias de pessoas comuns, porém, negros brasileiros, dotados de tradições, memórias e singularidades que precisam ser ouvidas e pesquisadas para proporcionar a ressignificação da história dos povos africanos.

Dessa maneira, almejando colaborar a favor da luta incessante pela união das práticas rotineiras e das memórias com a pesquisa científica é que esse estudo se enunciou e pretendeu responder a seguinte problemática: Como e de que maneiras personalidades negras narram suas histórias particulares em suas vivências cotidianas, suas astúcias e práticas sociais como elementos que podem ressignificar ainda mais a presença africana na nossa história?

A fim de responder a esse questionamento, quando olha-se para o acometimento do problema de estudo, percebe-se que também se trata de uma pesquisa qualitativa, tendo em vista que procura a interpretação dos fenômenos e a atribuição de seus significados, mantendo um vínculo entre o que é objetivo e subjetivo.

A metodologia a ser utilizada neste trabalho seguiu duas frentes: a primeira, foi pautada por uma sondagem dos sujeitos que formaram a “colônia de narradores”, em Currais Novos/RN, ao passo que buscou-se uma revisão bibliográfica da temática do negro da literatura nacional e regional seridoense. A seguir, o trabalho foi voltado para a realização de entrevistas, transcrição e análise do material. Nesta fase, teve-se a possibilidade de construção do texto final em consonância com as discussões teóricas e problemáticas lançadas na efetivação e construção deste objeto de estudo. Apesar do trato metodológico utilizado, os principais embasadores dessa pesquisa foram: Certeau (1994); Chartier (1998); Nora (1993); Pinto (1998); Silva (2010), Mattos (1985), dentre outros.

A pesquisa está dividida em três partes que dialogam com o objetivo principal do trabalho. A primeira parte intitulada **Negro seridoense: um repente “quase” esquecido pela memória** procurou estabelecer um diálogo com a literatura nacional e regional do negro existente no Seridó a partir das concepções de Job (2015); Silva, (2010); MEC (2013) e Mattos (1985).

A segunda parte **Percorrendo os caminhos Certeauianos: “artes de fazer”** contemplou os estudos sobre os conceitos de cotidiano, apropriação e as “artes de fazer” que

foram abundantemente difundidos e discutidos no âmbito da Nova História Cultural nas academias, através das indagações de Certeau (1994); Chartier (1998). A terceira **História oral: descobrindo os recantos empoeirados de memória** tratou de discutir sobre as relações entre História e memória, descrevendo as características e processos que perpassam suas técnicas e métodos de pesquisa conforme Nora (1993); Alberti (2005); Veyne (1998) e Kauark, Manhães, Medeiros (2010).

A quarta **IV Dentre reminiscências e retóricas a vida se compõe** buscou descrever com riqueza de detalhes as memórias das personalidades negras que formaram a colônia de narradores, assim como a emergência da análise dos discursos inferidos segundo Cassildo Gomes Rodrigues de Souza (2016); Francisco Edilson Ferreira de Souza (2016) e Eliene Generosa dos Santos Amaral (2016).

Na quinta e última sessão compilou-se e discutiu-se através da **triangulação dos dados** se a problemática em questão foi pesquisada, finalizando com as reflexões sobre as **ponderações finais**.

Contudo, é interessante notar que a supracitada pesquisa foi trajada de procedimentos teóricos e metodológicos coerentes, que corroboraram com os objetivos e as competências necessárias para a sua realização.

Com efeito, os dados, os qualitativos e os resultados que nela se anunciaram estão de acordo com as normas científicas e possuem a intenção, primeira, de contribuir para a valorização e reconhecimento de personalidades negras e da História e cultura africana e afro-brasileira como constituinte e formadora da sociedade brasileira, não só na cidade alvo, mas que o estudo possa se difundir entre os pares através da abertura de mais especializações nessa área, como a de História e cultura africana e afro-brasileira UFRN/CERES/CAICÓ que deu fruto a essa operação científica e que sirva para contribuir ainda mais com o processo de desconstrução de uma História negra que não foi marcada apenas pelo racismo, preconceito e discriminação, mas que foi e é dotada de singularidades e tradições que atenuam contextos narrativos pejorativos e negativadores da presença africana no Brasil.

I NEGRO SERIDOENSE: UM REPENTE “QUASE” ESQUECIDO PELA MEMÓRIA

Ser negro é antes de tudo, aventar-se nos desafios e diluir-se na prática da resiliência (Grifo meu).

Almejando aventar-se sobre a literatura negra no Seridó potiguar, é indispensável traçar o panorama que se têm debatido nos últimos anos acerca da literatura afro-brasileira no país, atentando para uma breve retrospectiva histórica desse mote investigativo que tem clamado por atenção tanto da parte de quem escreve e faz parte dessa literatura, como também daqueles que pesquisam e defendem a afirmação de uma história negra contada pela “boca” de seus próprios sujeitos históricos.

Seguindo essa coesão, é sabido por entre os pares de discussão que existe uma escassez significativa de pesquisas e escritos produzidos nessa área, por uma série de fatores que estão ligados aos modos como essa literatura foi produzida e manipulada por discursos dominadores e cânones que tendem a sempre categorizar e banalizar determinados grupos sociais. Com isso, a literatura afro-brasileira foi sendo construída tendendo a dividi-la em: os negros vistos antes da década de oitenta e depois da década de 80. Outros estudiosos também procuraram estruturar esse estudo com os negros sendo evidenciados como objeto e depois sujeitos. Há outros pesquisadores e afrodescendentes, porém, que negam a existência de uma literatura afro-brasileira e outros fazem de tudo para afirmar a presença dessa vertente.

Nessa primeira visão, o negro era representado nos textos literários sob a ótica dominante do branco, difundindo a ideia do negro escravizado, inferiorizado e pejorativamente narrado num viés folclórico. Tais estereótipos contribuíram para que a verdadeira história do negro no Brasil fosse excluída e marginalizada durante muito tempo em favor das ditas “literaturas oficiais” forjadas pelos dominadores ou intelectualmente conhecidas como Cânones², como bem afirma:

A concepção utilizada para tornar uma obra canônica parte de um julgamento subjetivo articulado pela hegemonia de um grupo, levando a um processo seletivo sempre excludente, pois na intimidade ratifica as identidades (a do grupo que julga o que é “verdade” e/ou certo ou que concebeu um determinado conceito padrão para a obra se tornar canônica), excluindo aquilo que lhe é diferente. (JOB, 2015, p. 59)

Estando esse cânone dependente desses grupos que detêm o poder, a obra literária fica monopolizada e acaba por sujeitar-se a uma série de fatores como as condições sócio-

² A concepção semântica da palavra cânone já possibilita vislumbra, sem dúvida, a exata dimensão do quão excludente o termo pode se tornar, pois na palavra cânone, cuja origem é do grego antigo- kanon-, há uma semântica rígida, que diz respeito a “uma vara de junco ou de bambu usado como instrumento de medida”. Com a acepção de valoração, o termo foi primeiramente para se referir ao “princípio de seleção aplicado aos livros da bíblia pelos primeiros teólogos cristãos. A partir desse princípio, as obras eram medidas sob o ângulo do seu conteúdo e só eram merecedoras de serem lidas e preservadas aquelas nas quais o conteúdo expressasse as verdades a serem ensinadas e transmitidas (MARIA, 2015, p. 60).

históricas da época, os mecanismos de exclusão e interesses, assim como os sistemas simbólicos que ditam as regras do contexto histórico em questão, produzindo ou visibilizando certas identidades em detrimentos de outras ao longo do tempo, cabendo a esses discursos deterministas o poder de “voz” e de “vez” na sociedade brasileira. Continua argumentando:

Se a cultura hegemônica constrói para si, um modelo de produções textuais, este modelo deverá veicular as crenças, os 300 símbolos, os significados que ela lhe atribui e que compõe seu imaginário. Constantemente adaptado e atualizado de acordo com as necessidades e interesses de uma tradição ocidental, etnocêntrica e hegemônica. (Souza, 2005, p. 38)

Por tudo isso, essa tradição hegemônica criou a imagem de um negro objeto, isto é, um negro que apenas lembrava a escravidão, que ocultava sua cultura e não detinha nenhum poder de militância. Tais estereótipos também podem ser explicados através das teorias racistas difundidas no Século XIX quando o conceito de embranquecimento racial e a ideia da existência de raças superiores começaram a ser espalhadas pelo mundo, colocando o discurso europeu como “baluarte” dessas imposições. Como consequência disso, percebe-se a profunda ressonância que isso gerou para a posteridade em forma de preconceitos variados e os diversos meios de exclusão social a esses povos manifestados.

Somente a partir da década de 80 é que os escritos de alguns negros começaram a ganhar visibilidade como Lima Barreto (1881–1922) e Solano Trindade (1908–1974), e o negro não obstante ainda que, sorrateiramente, fosse ganhando um pouco de aparição, foi conseguindo denunciar os preconceitos que sofria e dar voz a uma história que foi marcada por contradições e injustiças. Nesse contexto, surgiram vários movimentos como a literatura afro-brasileira nos “Cadernos Negros” em 1978 que serviram como divulgadores de um negro que lutava para também ser encarado como sujeito de sua própria história e capaz de alcançar voos muito maiores.

A partir do ano de 1978, alguns escritores com intuito de trabalhar com a figura do negro no Brasil, assim como materializar-se por serem eles próprios vítimas das estereotípias impostas dentro do círculo literário e intelectual, surge o primeiro exemplar dos Cadernos Negros, livro que reunia, e ainda reúne, contos e poemas que tinham como princípio a valorização da imagem do negro em uma literatura elaborada por eles próprios, já refletindo o desmembramento, a descontinuidade e a descentralização proposta pelas literaturas pós-modernas, pois não se trata mais do negro escravo, alienado ou objeto do senhor como se observava até então, mas sim como um participante da sociedade com sentimentos, prazeres e sensações. (SILVA, 2010, p.23)

Esse negro sujeito que aprendeu a ter consciência de sua exclusão, não aceitava mais ser subjugado, mas é um sujeito que pensa e tem voz ativa, que tem postura e condições suficientes para mostrar seu potencial enquanto ser humano e participante da sociedade. Por outro lado, é inevitável a constatação de que apesar dessas primeiras iniciativas, a exclusão literária ainda é um processo latente até nos dias atuais, mas é preciso que as experiências individuais de cada ser humano sejam cada vez mais valorizadas, pois cada sujeito histórico tem uma narrativa ímpar e insubstituível de vida que, infelizmente, a literatura e a academia abortaram dos escritos por muito tempo.

Desta feita, a partir do momento que o negro começou a ser, pelo menos em alguns aspectos, visibilizado pela sociedade, reconhecendo sua importância para a formação do povo brasileiro e discutiu-se sua contribuição enquanto sujeitos históricos, novas Leis, juntamente com políticas públicas foram surgindo para que essa nova conjuntura histórica fosse propícia à produção de novas literaturas e representações.

Com a aprovação da Lei 10.639/03 que garante a ressignificação e valorização das matrizes africanas que formam a diversidade cultural brasileira, o ensino da História e da Cultura africana e afro-brasileira tornou-se indispensável no âmbito das escolas e no cerne das estratégias de ensino-aprendizagem, mudando a sala de aula e os envolvidos nesse processo, como também os caminhos de produção acadêmica.

As Leis nº 10.639/03 e nº 11. 645/08 alteram a LDB especificamente no que diz respeito aos conteúdos obrigatórios para este nível de ensino. Ela determina a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura afro-brasileira, Africana e Indígena na perspectiva de construir uma positiva educação para as relações étnico-raciais. (MEC, 2013)

Essa Lei, mas não somente, têm colaborado para que as “verdades” históricas produzidas pelo pensamento eurocêntrico incutidas na sociedade brasileira começassem a ser desconstruídas através das discussões em torno da História da presença africana no Brasil, de políticas de empoderamento negro e principalmente da abertura de pós-graduações nessa área, que vem fortalecendo cada vez mais esse vínculo com os negros, ajudando, sobretudo, na formação de professores, já que é nas escolas onde geralmente se tem começado o processo de desconstrução contra qualquer forma de preconceito, racismo ou discriminação, pois os negros foram obrigados a vivenciar uma história de sofrimento, opressão e desumanidade por parte de sua própria “raça”: a humana.

De acordo com o parecer CNE/CP nº 03/2004, as instituições de educação superior devem elaborar uma pedagogia antirracista e antidiscriminatória e construir estratégias educacionais orientadas pelo princípio de igualdade básica da pessoa humana como sujeito de direito, bem como se posicionar formalmente contra toda e qualquer forma de discriminação. Também é incumbência dessas instituições fomentar o apoio técnico para a formação de professores/as e outros profissionais de ensino que atuam na escola de educação básica, considerando todos os níveis e modalidades de ensino, para a Educação das Relações Étnico-Raciais. (MEC, 2013, p. 53)

É justamente por causa desse novo cenário que esse estudo fruto da Especialização em História e cultura africana e afro-brasileira da UFRN-Campus Ceres/Caicó servirá num contexto mais amplo, para manter um imperativo com relação à atividade docente, seus desafios, dificuldades e limites. E ainda, coloca em debate a importância que o professor exerce na luta contra o preconceito e a discriminação racial no Brasil, já que este tem o papel de conduzir o aluno à prática da reflexão, da crítica e da transformação social.

Essa operação científica foi, igualmente, ponderada para que se possa pensar em estratégias que melhorem o processo de ensino-aprendizagem na sala de aula, por meio dos estudos relacionados à cultura africana e afro-brasileira favorecendo a elaboração de um currículo ressignificado e que conduza a valorização cultural das matrizes africanas que formam a diversidade cultural brasileira.

Contudo, essa pesquisa procurou dar voz a sujeitos negros; personalidades encontradas na região do Seridó no Estado do Rio Grande do Norte, mais precisamente na cidade de Currais Novos³. Como mencionado anteriormente, a História do negro (visto como sujeito)

³ Currais Novos é um município brasileiro no interior do estado do Rio Grande do Norte. Localiza-se a 172 km da capital estadual, Natal. Currais Novos se encontra na região do Seridó, na região central do estado junto a divisa com o estado da Paraíba. Considerada um centro sub-regional, suas principais atividades econômicas são a agricultura, pecuária e a extração mineral. Em março de 1688, o Governador Geral do Brasil mandou uma expedição à região com a finalidade de reprimir a revolta dos índios Canindés e Janduí, iniciada no ano anterior, que o Governo da Capitania do Rio Grande do Norte não conseguiu debelar. A expedição comandada pelo paulista Governador de Armas Domingos Jorge Velho, atravessou o sertão do Acauã e alcançou a localidade onde nasceu a povoação de Currais Novos. O tempo foi passando e apenas em 1755, o povoamento começou a se desenvolver com a presença do Coronel Cipriano Lopes Galvão que fundou uma fazenda de gado na Data Tororó. Como pioneiro da localidade Cipriano Lopes, também exerceu indireta influência histórica na escolha do nome do povoado, quando construiu novos currais, principalmente, na época das apartações do gado, nas proximidades da confluência dos rios Tororó e Maxumaré, iniciando os trabalhos de uma outra fazenda para seu filho Sebastião Galvão. Tempos depois, a designação da localidade passou naturalmente a ser Currais Novos. Com o desenvolvimento da agricultura e da pecuária - para o que muito contribuiu o elemento negro - novos colonizadores chegaram e fixaram moradia, notadamente os oriundos do interior de Pernambuco. Após o falecimento do Coronel Cipriano Lopes, sua viúva, dona Adriana de Holanda de Vasconcelos Galvão requereu, em 1764, novas concessões de terra, e seu filho Cipriano Galvão, então Capitão-Mor da ribeira do Seridó e proprietário dos Sítios Areia de Baixo e São Bento, requereu e recebeu em 1787, terras próximas a área pertencente a sua mãe. No ano de 1808, foi construída a capela em homenagem a Nossa Senhora de Santana. O povoado de Currais Novos participou ativamente da campanha abolicionista, com a ação efetiva de um dos núcleos da Sociedade Libertadora norte-rio-grandense, tendo a frente Cipriano Lopes Galvão de Vasconcelos,

em nível de Brasil foi pouco evidenciada e em se tratando do Seridó menos ainda, tendo em vista que se têm poucas fontes e pesquisas realizadas sobre a época de colonização e povoamento do Seridó. Indaga:

Inegavelmente, foi o elemento branco, na pessoa do colonizador português, quem se apossou da terra. Mas o nativo pacificado e o elemento negro escravo, do qual o português explorava a força de trabalho, também se fizeram presentes no povoamento da região. (MATTOS, 1985, p.23)

Diante desse enfoque, é irrefutável que o negro não só existiu como também representou parte da mão-de- obra que trabalhou nas terras do sertão do Seridó, desempenhando várias funções, muito embora tivessem sua força de trabalho explorada pela escravidão. De tal modo, além dos negros outras forças de trabalho se faziam presentes como os homens livres (vaqueiros), feitores, pequenos criadores, posseiros, porém, a maior ocupação dessas propriedades ficou para os portugueses e seus descendentes (MATTOS, 1985). Mattos ainda aprofunda dizendo:

As escravas se destacavam nos serviços domésticos, como cozinheiras e costureiras. Domar cavalos, construir cercas para proteger as plantações, abrir cacimbas para abastecimento de água para o rebanho, preparar o solo para o plantio, serviços de pedreiro, eram alguns dos ofícios entregues ao negro escravo. Além dos lavradores, criadores e artistas, encontramos, entre as profissões ou ocupações mais comuns, os escravos de ganho, conhecidos também como jornaleiros. Os jornaleiros eram aqueles escravos que trocavam a sua força de trabalho por alimentos ou por pequenas pagas – os pecúlios. No Quadro XXXIII eles representavam 24,1% dos matriculados e 2,9% dos escravos recenseados na região. Nos inventários, estes escravos de ganho ou jornaleiros (atividade que também era exercida pelas mulheres) identificam-se como trabalhadores que, ao prestar serviço a uma outra pessoa, recebem, em troca, uma quantia chamada pecúlio, que irá possibilitar-lhes, possivelmente, a compra de sua liberdade. (MATTOS, 1985, p.77)

As palavras da autora confirmam através dos inventários que o negro exercia várias funções dentro da sociedade escravista/colonial seridoense, refutando a historiografia

Laurentino Bezerra de Medeiros e Juventino da Silva Borges, entre outros. Tiveram os curralenses o mérito de libertar o último escravo no dia 19 de março de 1888, três meses antes da promulgação da Lei Áurea. A Lei Provincial no 893, de 20 de fevereiro de 1884, criou o distrito de Currais Novos. Em 15 de outubro de 1890, através do Decreto Estadual no 59, Currais Novos desmembrou-se de Acari tornando-se município do Rio Grande do Norte. Gentílico currais-novense. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?codmun=240310>. Acesso em 20/04/2016.

tradicional, porém, com traços simbólicos que ainda insistiam em representar o negro sob a ótica econômica/estatística, isto é, aquele que apenas vende sua força de trabalho em forma de variadas ocupações, em detrimento de um negro tido como sujeito. Por outro lado, seu texto torna-se relevante porque discute a existência desses no Sertão do Seridó e abriu novos caminhos para que mais pesquisas pudessem ser vislumbradas a respeito da presença marcante desses povos, até que o negro também pudesse ser revelado nos seus aspectos sociais, culturais e também individuais, como é o caso desse estudo que tentou retratá-los não de forma tangencial.

Nas pesquisas anteriormente produzidas, geralmente o negro era apenas representado como participante de uma memória coletiva e concebido socialmente, mas nesse estudo o negro é protagonista e como fala o poeta negro Cuti (1982) “A experiência de um negro nenhum branco tem”; e quem melhor do que o próprio sujeito para narrar sua história, longe de manipulações e deduções paradigmáticas? Mattos continua:

Segundo a classificação de procedência étnica de Manuel Diegues, na nossa área de estudo houve um predomínio maior do escravo africano negro, ao contrário da província vizinha, onde o elemento pardo foi o que prevaleceu, o que denota um elevado índice de miscigenação entre os escravos ali encontrados. A este respeito, o Professor José Crispin da UFRN está estudando uma comunidade de “pretos retintos” residentes na Colônia Boa Vista, situada no município de Parelhas no sertão do Seridó. Em seu trabalho, ainda em andamento, o professor constatou que esta colônia não tem a sua origem em uma formação quilombola, mas sim na “concentração de negros libertos em terras livres e disponíveis”. É interessante notar que ainda hoje a cor é preservada, como se ela fosse um sinal de sua cultura. (1985, p. 76)

Compreende-se que nesse espaço/temporalidade, o predomínio foi dos escravos negros africanos, tanto que comunidades remanescentes de quilombola estão sendo pesquisadas como os Negros do Riacho em Currais Novos e os Negros da Boa vista em Parelhas RN, assim como outros grupos que ao longo dos anos foram expressando suas heranças culturais, principalmente por meio das irmandades que até hoje são consideradas traços marcantes que comprovam a presença forte desses negros na região do Seridó.

Desse rico processo histórico, analisa-se que o negro no Brasil, foi quase esquecido pela memória, não pela memória dos (negros) que protagonizaram sua própria história, mas por aqueles que se utilizando das artimanhas do poder, de cânones e de tantos outros artifícios de dominação tentaram sucumbir sua literatura; e silenciar a verdadeira história dos negros,

quase eliminando as estórias particulares, de sujeitos que são sinônimos de diversidade e construíram histórico e culturalmente esse país. Com relação ao negro seridoense, averiguou-se que sua literatura ainda é muito escassa, talvez pela presença de poucos registros (escritos) na região, ou até mesmo porque diante da diversidade de fontes, as quais o historiador tem acesso atualmente, poucos são os que tenham atentado para a mais viva e sábia das fontes já encontradas: o ser humano, conotado nesse estudo como negro seridoense.

II PERCORRENDO OS CAMINHOS CERTEAUNIANOS: “ARTES DE FAZER”

O fazer é a mais inerente e acessível arte do ser humano, porque não depende de domínios, nem de opressões, mas da vontade intrínseca, incontrolável e transcendental dessa espécie. (Grifo meu).

Com as constantes mudanças que a historiografia vem oferecendo para a pesquisa histórica, o trabalho do historiador tornou-se um “celeiro” de objetos investigativos que trouxeram, juntamente, com esse “novo olhar” significativas possibilidades epistemológicas para o campo de atuação desses profissionais. Essas mudanças podem ser manifestadas no que os estudiosos chamaram de “Nova história cultural”. Considerada como uma possível quarta geração da escola dos Annales. Não propuseram simplesmente um novo conjunto de temas de investigação, mas problematizaram os métodos e objetivos da História, buscando de uma forma mais holística a interpretação das práticas e representações sociais. Essa nova abordagem se aproximou da linguística, da Literatura, da micro-história e também da interdisciplinaridade.

Ao lado desse contexto, é imprescindível a discussão sobre os polêmicos paradigmas rivais de (CARDOSO, 1997); a saber: o Iluminista em que a escrita da História pretende ser científica e racional e a formulação de hipóteses. Associam-se a essa teoria o Marxismo, Weberianismo e algumas vertentes do estruturalismo e o paradigma Pós-Moderno que critica radicalmente as chamadas Grandes Narrativas e a História Linear ou tradicional. Associam-se o conhecimento histórico à Literatura e está intimamente relacionado a História cultural, pois descartavam a ideia de verdade absoluta. Como bem exorta:

A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momento uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler. Uma tarefa desse tipo supõe vários caminhos. O primeiro diz respeito às classificações, divisões e

delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real. Variáveis consoante as classes sociais ou os meios intelectuais, são produzidas pelas disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo. São estes esquemas intelectuais incorporados que criam figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro torna-se inteligível e o espaço a ser decifrado. As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam. (CHARTIER, 1990, p.16)

Nesse excerto, o autor realça a importância dos diferentes modos pelos quais o real pode ser compreendido através do entendimento de como um determinado lugar social é construído e interpretado pelas diversas culturas, isto é, é preciso realizar uma análise da cultura através das representações e como estas se revelam na dinâmica dos grupos sociais e nas táticas que os mesmos se apropriam para justificar a realidade. É por isso que segundo (CHARTIER, 2012) a crítica pós-moderna ao conhecimento histórico fez com que a mesma se comprometesse com as práticas sociais, atualizando seus princípios epistemológicos exaltando os sujeitos sociais através de suas práticas e representações.

Nesse sentido, vale, portanto, tratar de um dos maiores precursores desses novos enfoques historiográficos o Michel de Certeau. Foi Um historiador Francês nascido em 1920 e falecido na década de 1980; autor entre outras obras, do livro *A escrita da História* (2011) e *A invenção do cotidiano* (1994), tratando da relação entre a história e a escrita, entre o real e o discurso e entre as práticas cotidianas.

No caso das necessidades científicas dessa pesquisa, escolheu-se a segunda obra mencionada, que serviu de alicerce para as teorias apresentadas durante a elaboração do artigo, sendo que as contribuições do Michel de Certeau foram cruciais para a compreensão desse estudo, tendo em vista o interesse frequente dos pesquisadores pelas questões do “dia a dia” que são exploradas com mais ênfase pelas discussões sobre o cotidiano.

Dentro dessa perspectiva, Certeau é apreciado enquanto pesquisador porque provoca um deslocamento de pensamento e de postura que orienta a pesquisa para outros “lugares”, para outros “desvios”, para os “não-ditos” e silêncios da História. São por esses e tantos outros motivos que o autor propõe uma reflexão do conceito de cotidiano. Cita:

O cotidiano é aquilo que nos é dado a cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia pela manhã, aquilo que assumimos ao despertar é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição. O

cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio caminho de nós mesmos quase em retirada, às vezes velada (...) e o invisível... Não tão invisível assim... (2003, p. 31)

O que o autor sugere nessa reflexão é considerar que esse cotidiano que se vive a cada dia é vivo e dotado de artimanhas que o torna não tão invisível assim; que a tendência quase sempre presente de naturalizar e simplificar o cotidiano não deve ser tão levada a sério, mas é a própria história imbuída de estratégias persuasivas, de narrações e articulações retóricas, de feitos e não-feitos que ditam os caminhos percorridos por cada sujeito histórico.

Assim, Certeau permite uma análise filosófica que muda as formas de crítica sobre as práticas cotidianas e move seu olhar para a cultura ordinária; pessoas comuns, heróis emudecidos e anônimos deslembados, porém, repletos de intervenções astuciosas, de clandestinidades artísticas, feitos cheios de inteligibilidades e as ousadas “artes de fazer”. “Artes de fazer” que dá sentido a expressão invenção do cotidiano através das táticas de resistência, maneiras capciosas e por vezes sutis de “burlar” os códigos e sistemas opressivos da sociedade. Ele acredita que fatos, regras e preceitos culturais não abrem espaço para as possibilidades, e essas criam e recriam os diversos modos pelos quais esses sujeitos anônimos narram suas invenções por meio da (re) apropriação do real. Define:

[...] A uma produção racionalizada, expansionista além de centralizada, barulhenta e espetacular, corresponde outra produção, qualificada de ‘consumo’: esta é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios, mas *nas maneiras de empregar* os produtos impostos por uma ordem econômica dominante. (CERTEAU, 1994, p. 39)

Nesse discurso, ele deixa claro como os sujeitos ordinários utilizam os recursos ditados pelos sistemas de dominação da sociedade e os transfiguram para o fenômeno da (re) apropriação por meio das maneiras que empregam e burlam certas vivências e situações. Continua:

Os relatos de que se compõe essa obra pretendem narrar práticas comuns. Introduzi-las com as experiências particulares, as frequentações, as solidariedades e as lutas que organizam o espaço onde essas narrações vão abrindo um caminho, significará delimitar um campo. Com isso, será preciso igualmente uma “maneira de caminhar”, que pertence, aliás, às “maneiras de fazer” de que aqui se trata. Para ler e escrever a cultura ordinária, é mister reaprender operações comuns e fazer da análise uma variante de seu objeto (CERTEAU, 2008, p.35).

Nessa passagem, o autor grifa a importância de que para compreender a cultura ordinária é preciso o desprendimento de costumes e análises que não fazem parte desse campo de estudo, mais que isso, é necessário colocar-se no lugar dessas personalidades e aprender a também praticar suas “maneiras de fazer”; pois para Certeau qualquer prática do ser humano pode ser considerada cultura, porém, nem toda prática é reconhecida e valorizada como tal, pois as práticas precisam ter sentido para os sujeitos que as produzem e assim, encontrar seu lugar de importância dentro da História (1994, p. 142).

É Precisamente por essa necessidade dos sujeitos ordinários encontrarem seus lugares de importância, que essa investigação se enunciou ao passo que procurou acentuar o valor do trabalho com a História oral, a partir da análise discursiva e as diversas composições narrativas, as continuidades e discontinuidades, e as estratégias habituais presentes e utilizadas na vida desses indivíduos; com o intuito de emergir novos enfoques investigativos que possam se desviar da noção de grupos como as comunidades quilombolas e as irmandades.

Esse desvio também fez-se possível na medida em que a dialética Certeuniana permite considerar a história particular de sujeitos que se debruçam em situações marginais e que deixam-se expressar pela práticas cotidianas e corriqueiras como alternativa para construir uma história diferente e original da narrativa dos grandes fatos e feitos heroicos.

Seguindo essa lógica, foi possível descobrir algumas opções de colônia de narradores para esse estudo na cidade de Currais Novos RN, que como adverte (CHARTIER, 2002), é preciso considerar que fontes ou qualquer registro histórico devem ser compreendidos como representações, ou seja, o conjunto de discontinuidades, de contradições, de discursos e práticas sociais que vão ganhando sentido e interpretação de acordo com a conjuntura em que se vive.

Portanto, na tentativa de agregar critérios e conceitos a essa operação historiográfica, Certeau contribuiu, sobremaneira, para que estudando o cotidiano e as diversas “artes de fazer” dos sujeitos ordinários, fosse possível desviar os preconceitos, e desconfortar as zonas de segurança do pesquisador, deixando que a experiência da transfiguração pudesse acontecer durante os caminhos construídos pela pesquisa, e que de fato modifiquem-se as “figuras” de poder e de domínio da cultura em prol da arte do “fraco”, daquilo que é invisível e das táticas de sobrevivência. E assim, deixar que a complexidade da vida se manifeste.

III HISTÓRIA ORAL: DESCOBRINDO OS RECANTOS EMPOEIRADOS DE MEMÓRIA

Há quem diga que sem História a memória é só invenção, eu asseguro, pois que sem memória a História estaria fracassada aos mais execráveis dissabores; as mais sórdidas chatices e a mais detestável das ciências. (Grifo meu).

A História nos últimos XX anos tem, pelo menos hipoteticamente, atingido um público cada vez mais significativo de apreciadores, motivada por diversos fatores como a valorização das novas abordagens historiográficas, a ampliação do uso das fontes históricas e até mesmo por causa de uma intensa cultura midiática como novelas, filmes, documentários que tratam, embora superficialmente dos assuntos históricos. Contudo, essa conjectura da historicidade contemporânea convida ao leitor/pesquisador a evocação de diversos questionamentos: Será que o passado está mesmo na moda? A História realmente assumiu seu lugar de importância na sociedade? Será que é mais uma temporada de nostalgia?

Realmente o campo da historiografia contemporânea tem se preocupado cada vez mais na compreensão do que fazem estes profissionais ao se debruçarem sobre o passado e como lidam com uma ferramenta crucial para a elaboração do seu trabalho: a memória. Tema este que tem encontrado um espaço fundamental de diálogo entre seus pares, especialmente porque também inspira perguntas: A memória está sendo tão discutida e apreciada pelos historiadores porque reconheceram sua importância e diversidade? Ou porque se teme a falta dela diante de uma sociedade tão efêmera e fugaz?

Perante essa problemática tão latente, a discussão da relação entre História e memória tornou-se cada vez mais intensa e vem fomentando diálogos significativos para o futuro da História, a saber, aqueles que fizeram a história, os que não a escreveram e os que a escrevem. Por isso, faz-se necessário a exposição de algumas problemáticas teorizadas por algumas autoridades da área. Lembra:

Aceleração histórica. Para além da metáfora, é preciso ter a noção do que a metáfora significa: uma oscilação cada vez mais rápida de um passado definitivamente morto. A percepção global de qualquer coisa desaparecida, uma ruptura de equilíbrio. O arrancar do que ainda sobrou de vivido no calor da tradição, no mutismo do costume, na repetição do ancestral, sob um impulso de um sentimento histórico profundo. A ascensão a consciência de si mesmo sob o signo determinado, o fim de alguma coisa desde sempre começada. Fala-se tanto de memória porque ela não existe mais. (NORA, 1993, p. 07)

Nessa nota, Nora explica que o fenômeno da globalização, concomitante a mundialização e rapidez dos meios de comunicação em massa e a efemerização da vida em sociedade, tem imposto a História desafios cada vez mais complexos, como o de lidar com a intensa preleção pelo presente que tem desembocado em alterações referentes à ideia de tempo, ou seja, a História tem se tornado mais dinâmica e os acontecimentos vivenciados são cada vez sentidos com rapidez por causa do apreço pelo o que é novo e real.

Ao analisar esse contexto, o autor provoca ao diálogo quando defende a assertiva de valorizar a memória a partir da busca sempre constante do historiador em “arrancar” da tradição e do que ainda resta da memória, vestígios, registros e fatos para que a História continue a afirmar seu lugar de importância na sociedade. Por outro lado, o pensamento do autor reflete um paradoxo muito peculiar que o conhecimento histórico tem vivenciado: De um lado assiste-se a uma tendência modista de apego ao passado, ao passo que simultâneo a isso, a história tem lutado contra sua amortização. Diante disso, os historiadores tem encontrado na memória o elo de manutenção de um passado que parece esquecido pelas novas gerações e que apresentam dificuldades para se identificar com o passado. Alude:

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e nesse sentido, ela está em permanente evolução aberta à dialética da lembrança e do esquecimento inconsciente, de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. (1993, p.09)

Para o autor, a memória é processo vivido, conduzida e produzida por grupos ou pessoas do presente, além de estar em constante evolução, sendo suscetível a qualquer tipo de manipulação e alterações sejam elas casuais voluntárias e involuntárias. Já a História é definida por Nora como sendo a forma pela qual se legitima e registra a memória através de sua problematização, reflexão e crítica, isto é, a História coloca inteligibilidade e concretude na dinâmica dos processos vividos porque também é ciência (1993).

Contudo, com a finalidade de encontrar alternativas que pudessem coadunar com a importância da relação entre História e memória e que as mantivesse sempre em conjunto, Nora propôs uma saída para o que ele denominou de “lugares de memória”. Comenta:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa dessas minorias, de uma memória refugiada sobre focos refugiados e enciumadamente

guardados nada mais faz do que levar a incandescência a verdade de todos os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, as história depressa as varreria. São bastiões pelos quais se ancora. Mas se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de constituí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que elas envolvem, elas seriam inúteis... É este vai-e-vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento da história, mas que lhe são devolvidos. Não mais inteiramente a vida, nem mais inteiramente a morte, como as conchas na praia quando o mar se retira da memória viva. (NORA, 1993, p. 13)

Esses lugares de memória traduzidos pelo escritor são como espaços transcendentais que oportunizam os encontros de produção entre a memória e a história, porque uma vez reconhecidos registram um passado que já foi vivido, mas que constantemente volta a ser presentificado e ressignificado pela história. Por isso a necessidade de evocar e explorar uma memória que não se dá acabada e, tampouco, ocorre de forma tão natural assim.

Feita essa análise da problemática entre História e memória, deve-se destacar que esse trabalho de investigação pretendeu fazer uma reflexão acerca da utilização das fontes orais no panorama das atuais abordagens historiográficas culturais, que permite uma apreciação mais contundente desse tipo de metodologia e que, é claro, foi escolhida para os fins desse estudo. Assim, é imprescindível traçar o perfil desse método através da alocação de alguns especialistas. Cogita:

A História Oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador à fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente. (ALBERTI, 2005, p. 155)

Alberti deixa claro nesse trecho qual é o objetivo de se trabalhar com a História oral, isto é, aponta para a reflexão de que essa metodologia vem proporcionando aos sujeitos inominados que de certa forma foram excluídos de suas próprias memórias, e, conseqüentemente, destituídos da construção de suas histórias. Outrossim, atenta para a questão de não confundir a história oral com a própria história do sujeito, pois a História enseja intensas práticas de interpretação e análises dessas fontes.

Compreende-se que essa técnica produz narrativas orais que estão intimamente relacionadas às práticas e costumes vivenciados, individualmente, pelos entrevistados, sobretudo porque não se preocupa em escrever uma história totalizante e soberana, mas procura dessacralizar certezas e determinismos, sem deixar de lado seu compromisso em

buscar a verdade dos ditos e também dos não-ditos. Enfim, é ter em mente que no seio da relação entre o entrevistador e o entrevistado existe um jogo de representações e interesses, que ora corrobora para os fins da pesquisa, ora criam muros intangíveis, porém, também significativos para o processo de análise. Veyne cita:

A história é uma narrativa de eventos: todo o resto resulta disso. Já que é, de fato, uma narrativa, ela não faz reviver esses eventos, assim como tampouco o faz o romance; o vivido, tal como ressaí das mãos do historiador, não é dos atores; é uma narração. [...] Como o romance, a história seleciona, simplifica e organiza. A história é uma narrativa de eventos: todo o resto resulta disso. Já que é, de fato, uma narrativa, ela não faz reviver esses eventos, assim como tampouco o faz o romance; o vivido, tal como ressaí das mãos do historiador, não é dos atores; é uma narração. [...] Como o romance, a história seleciona, simplifica e organiza. (1998, p. 18)

É a História oral que tem possibilitado as abordagens pós – modernas descritas por (CARDOSO), como a “Nova História cultural” uma maior flexibilidade e diversidade na utilização das fontes, pois ampara-se no conhecimento subjetivo, apoiando-se nas microteorias, nas interpretações com utilização de recursos linguísticos e na história vista também pelo viés da literatura.

Seguindo esse raciocínio é na entrevista que esses historiadores dessa nova conjuntura tem se apegado para traduzir esses novos anseios e inquietações historiográficas.

Esse procedimento instrumental é um dos mais utilizados pelos pesquisadores, pois consiste num encontro entre duas pessoas com a finalidade de obter informações importantes sobre determinado assunto com a lógica da linguagem oral, além de auxiliar no tratamento de um problema social e no diagnóstico da realidade pesquisada, Lakatos (2003). Nesse sentido, para que essa técnica se efetive é necessária a produção de um planejamento complexo que eleja temas, perguntas e direcionamentos adequados com os objetivos que se almejam alcançar.

De acordo com alguns estudiosos a entrevista é dividida em alguns paradigmas:

As entrevistas podem ter caráter exploratório ou serem de coleta de informações. Se forem de caráter exploratório, serão permitidas eventuais indagações ou levantamento de dados e informações que não estejam contempladas no formulário; as de coleta de informações são altamente estruturadas, devendo seguir um roteiro previamente estabelecido e darem conta de respostas-núcleo do objeto de investigação, preferencialmente elaboradas com itens e questões fechadas, com múltiplas escolhas. A entrevista pode ser do tipo direto ou indireto. A entrevista direta é aquela em que o entrevistador se posiciona frente ao entrevistado; ela é presencial: o entrevistador indaga e o entrevistado responde. A entrevista indireta é aquela

em que o entrevistador utiliza recursos remotos para obter respostas às indagações; neste caso o entrevistado pode realizar a entrevista por telefone, pela internet ou utilizar outras tecnologias. (KAUARK, MANHÃES, MEDEIROS, 2010, p. 64)

Nesse caso, utilizou-se a entrevista de caráter exploratório, pois preferiu-se optar por um roteiro que permitisse flexibilidade e eventuais indagações como bem sugere Lakatos (2003), ao ressaltar aquilo que chama de entrevista despadronizada ou não-estruturada. Segundo ela, o entrevistador tem maior liberdade para conduzir a entrevista e dar direcionamentos conforme a necessidade do momento; e as questões geralmente são mais abertas, respeitando a essência da conversação. Quanto ao seu tipo escolheu-se a direta, uma vez que representa um diálogo entre duas pessoas de maneira presencial e sem intermediários.

Para a utilização dessa técnica, foi empregado o gravador de voz juntamente com o planejamento semi-estruturado e a presença individual de cada entrevistado da cidade de Currais Novos/RN.

Sendo assim, a entrevista foi apontada como essencial para um melhor tratamento de dados e proporcionar ao estudo um tom mais humano e comprometido com o uso da linguagem oral como prática que se consuma cada vez mais no campo científico.

IV DENTRE REMINISCÊNCIAS E RETÓRICAS A VIDA SE COMPÕE

Olha! Eu posso dizer que não há nada no meu entender, mais fortalecedor dessa raça negra do que a educação, a educação é universal, mas para o negro ela acaba sendo mais importante [...]. (CASSILDO, 2min e 30s).

O processo para a construção da colônia de narradores foi articulado da seguinte forma: a princípio realizou-se uma sondagem informal e despreziosa a respeito das possíveis personalidades negras existentes na cidade de Currais Novos, através de conversas casuais ou, coloquialmente, dizendo a famosa prática do “boca a boca”. Por conseguinte, a constituição desses “lugares de memória” foi ganhando forma e visibilidade para a alegria do pesquisador, que logo constatou a existência dessas individualidades negras na cidade citada.

Feito isso, organizou-se todo o trato metodológico adequado às necessidades da pesquisa: elaboração das perguntas para as entrevistas de acordo com o modelo exploratório e despadronizado descrito, anteriormente, por Lakatos (2003), utilização de gravador de voz,

termo de cessão e caderno de observação, além dos cuidados necessários a prática da história oral como a busca pela confiança e afetividade do entrevistado, e também destreza para compreender as continuidades e descontinuidades próprias das instabilidades das memórias. E por fim, as transcrições das mesmas que ocorreram de acordo com o planejamento semi-estruturado, permitindo flexibilidade na ocorrência das gravações e agindo fidedignamente com as percepções dos entrevistados.

As entrevistas ocorreram em dias alternativos conforme a disponibilidade de cada entrevistado. Para os fins desse estudo foram escolhidos três entrevistados, a saber: Cassildo Gomes Rodrigues de Souza; Francisco Edilson Ferreira de Souza e Eliene Generosa dos Santos Amaral. As composições narrativas serão transcritas, a seguir, conforme a sequência já apresentada.

Cassildo nasceu em vinte e dois de Maio de mil novecentos e setenta e oito; é filho de Maria Lindalva Gomes Rodrigues de Souza e Luiz Rodrigues de Souza; é casado com Ivanise Almeida Rodrigues de Souza; reside na Rua Rodolfo Pereira, N°180 na cidade de Currais Novos RN. Presentemente, exerce a profissão de professor, cuja graduação foi em Letras Licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte; o mesmo leciona em cursinhos preparatórios Pré-Enem, é professor da rede Estadual de ensino na Escola Tristão de Barros, também no município, considera-se negro por progênie e é uma figura muito respeitada e apresentada como referencial de profissional e cidadão curraisnovense.

Para a representação dos personagens, escolheu-se a sigla **P** que identifica a pesquisadora ou as perguntas recomendadas pela mesma e a sigla inicial do primeiro nome dos entrevistados. Logo, deveu-se começar a elencar as falas seguindo a sequência das perguntas. Como a seguir:

P-Qual é a sua história de vida? Conte-nos um pouco.

C- Bom, eu sou de uma origem muito humilde, a minha parte negra, parte de cor mesmo vem mais do meu pai, que é negro e meu pai conheceu minha mãe... Os dois sendo artistas populares, violeiros, então se conheceram na profissão, numa época em que as coisas não eram tão favoráveis assim, dessa união eu fui o primeiro filho deles e como eu falei nós fomos sempre muitos humildes, mas isso não impediu que os meus pais me colocassem na escola e meus irmãos; desde cedo eles viram a importância da educação na nossa vida e essa educação também numa época não tão favorável, depois viria a ser um embasamento muito forte na minha vida para me transformar na pessoa que sou hoje né! Virei professor que a gente acaba sendo uma referência para os alunos e temos que adotar certas posturas; e todo esse embasamento foi possível por causa dessa origem da gente, meus pais nos sustentavam justamente com o dinheiro que eles tinham das apresentações deles nas festas de casamentos, nas zonas rurais eram violeiros repentistas,

então, usavam disso aí para ganhar o sustento que criaria a mim e aos meus irmãos. Mas apesar de ser difícil não deixou que nós tivéssemos uma formação de dignidade, de aprender as coisas corretas, de não querer o que não era da gente. Depois disso, eu fui fazer um cursinho de inglês com o professor Simão que me incentivou tanto que eu não paguei nada e me ofereceu a bolsa; estando no cursinho alguém foi procurar um professor lá e Simão me indicou para ser professor do Salustiano Medeiros e depois no Comercial, foi aí que começou minha vida de professor, mas eu era contrato e logo sai e nem faculdade tinha e depois voltei para o cursinho de Simão e depois fiz o concurso da prefeitura. Passei no concurso da prefeitura de 98 a 2012 e foi quando fui chamado para o vínculo do estado e em 2011 passei no segundo vínculo. Nessa época eu já era professor de cursinho preparatório e as coisas foram acontecendo de tal maneira; e hoje me encontro com a agenda cheia para dar aula e, acho interessante, porque foi uma coisa construída que não nasceu do dia para noite. Resumidamente, foi uma história de vida e tenho tentado retribuir aos meus pais e tenho um orgulho muito grande deles. A profissão de professor não é fácil, financeiramente é complexa, o trabalho é árduo e até hoje trabalho no cursinho preparatório também de outras cidades e quando olho para trás vejo essa trajetória que foi algo legítimo; algo que dá para se orgulhar e da para sermos algum exemplo; e alguma referência para incentivar algum aluno nosso. Basicamente, é isso e pretendo que minha história não tenha acabado, mas eu estou numa zona de conforto, mas a gente sempre tem desafios profissionais, desafios de ser melhor a cada dia, de mudar alguma coisa que não deu certo no passado, fazer com que mais alunos adiram a nossa metodologia e filosofia; vejam na gente uma referência e tenham uma boa impressão. (CASSILDO, 35min e 52s)

Nessa contação de sua história, intui-se que o entrevistado não fugiu daquela velha estatística ou condição história da grande maioria dos negros do Brasil de nascerem de famílias pobres, de difícil ascensão social, incluindo-se também o difícil acesso aos bens materiais e imateriais da sociedade. Por outro ângulo da questão, é explícito no contexto da pesquisa e até mesmo nas nuances e entonação de sua voz, um desejo inexplicável de narrar sua história, descrevendo cada detalhe que a circundou, inclusive uma vontade, fenomenal, de discorrer sobre as diferentes facetas pelas quais conseguiu burlar os diversos sistemas de opressão e percalços construídos pela sociedade. Diante disso, o entrevistado demonstrou grande habilidade intelectual, principalmente no tocante a sua capacidade retórica, no controle de suas emoções e na descrição, aparentemente, precisa e delineada de suas memórias.

Também, ficou evidenciada na resposta a essa primeira pergunta, a presença de uma naturalidade e de uma espontaneidade em que ambos os entrevistador/ entrevistado sentiram-se à vontade para deambular sob os caminhos mais profundos de uma investigação científica. Sendo ainda, a amostra viva e tangível do que (CERTEUA, 1994) dizia sobre as incríveis “artes de fazer” dos sujeitos ordinários, pessoas que como o entrevistado “pintavam” suas

artes para poderem reinventar a vida de um jeito astucioso e original, que na magia dos “silêncios” escondia as “vozes” mais criativas e hábeis da história. Enfim, que assim como Cassildo, hoje são referências de sujeitos históricos para suas comunidades. Sequenciando as questões:

P- O que você entende sobre cultura africana e afro-brasileira?

C- Para falar a verdade esse é um tema novo até mesmo para mim que sou negro, e eu fico feliz, extremamente satisfeito que esse tema tenha ganhado uma difusão maior porque é importante. Eu não tenho muito conhecimento aprofundado sobre o tema, conheço de maneira superficial... Nós sabemos que a Bahia é um celeiro muito grande dessa cultura, nós temos os quilombolas; os Negros do Riacho que constituem uma cultura muito forte e defendem essa cultura a fundo e tenho pouco contato porque passei uma vez apenas por lá, mas tenho um aluno que é quilombola e trabalha no cursinho... É uma experiência muito boa para mim e eu entendo que a cultura deve ser sim Difundida porque ainda há muito preconceito... As pessoas misturam muito as coisas, principalmente no aspecto religiosidade, a minha religiosidade não é a dos negros, mas nós não podemos negar nossa cultura porque é nessa cultura que está nossa origem, nossa origem brasileira, apesar de conhecer pouco, eu tenho muita consciência da importância desse tema; fico muito feliz que estejam acontecendo especializações nessa área; que a cultura afro-brasileira esteja sendo difundida para que nós quebrems esses tabus. (CASSILDO, 15min e 25s)

Nessa parte, o pesquisado argumenta que não possui um conhecimento muito aprofundado sobre o tema, mas que apesar disso, é consciente do contexto histórico que se vive, no qual os negros têm ganhado uma maior visibilidade. Falou, inclusive, de alguns exemplos que fazem alusão à cultura negra citando o Estado da Bahia como um celeiro dessa tradição, a comunidade Quilombola “Negros do Riacho” em Currais Novos, cita também o aspecto da religiosidade africana e admite que tem conhecimento de algumas pessoas que praticam essas crenças, porém, não as pratica, e termina por enfatizar ainda mais a importância desses povos, parabenizando o fato de cada vez mais especializações sobre o assunto estejam ganhando prestígio e influenciando no processo de afirmação dessa cultura.

Contudo, pode-se intuir que Cassildo se mostrou humilde e sincero ao indagar que embora seja negro o assunto ainda é algo novo, confirmando que ainda há muito a se desconstruir, porém mostrou-se satisfeito por perceber que o assunto já está sendo problematizado e discutido na sociedade brasileira, destacando que o tema deve sim ser difundido.

P- Você já sofreu algum tipo de preconceito ou racismo? Poderia descrevê-lo?

C- Olha, com toda sinceridade... De maneira explícita não, não na minha frente, mas nós não somos bobos, coisas que aconteciam quando era menor, quando era aluno que eu não tinha maturidade para perceber, aí você percebe que eram traços de preconceito, discriminação porque o modo como a pessoa olha diz tudo... Muitas vezes você não tem a malícia para perceber, claro que sofri preconceito... Filho de dois violeiros, pobres não tem como dizer que não sofri preconceito. Eu até brinco com os meninos que eu tinha uns apelidos que eu achava normal... Não existia a preocupação que existe hoje com o bullying. Nós só viemos entender isso depois; claro que são traços de preconceito, mas esse preconceito mais explícito, só por olhares, sinais nunca aconteceu, talvez também porque fica mais difícil se você vence na vida, as pessoas começam a olhar... Tipo tem muito isso, fulano é negro, mas é competente, cicrano é negro, mas... Parece que os negros que se deram bem na vida estão liberados do preconceito e os outros não. Então isso é preconceito do mesmo jeito. Se estabelece uma divisão no grupo dos próprios negros: os negros bem sucedidos e os maus sucedidos. (CASSILDO, 13min e 12s)

Para responder essa pergunta, o entrevistado demonstrou uma maturidade pessoal e intelectual aguçadíssimas, pois tanto sua expressividade corporal como sua oralidade surpreendeu a pesquisadora; como se suas memórias estivessem sob quase total controle de suas vivências e seu passado fosse realmente presentificado pelo poder do presente, isto é, era latente na sua voz o desejo incólume de fazer conhecida sua história. Quando questionado se teria sofrido algum tipo de racismo ou preconceito, Cassildo conseguiu espantar mais uma vez a pesquisadora, pois que, geralmente se espera uma resposta “clichê” sobre isso; “a de que a grande maioria sofreu, explicitamente, algum tipo de preconceito”. No caso dele, o mesmo reconhece que com a maturidade foi possível perceber que todos aqueles “olhares” e “indiferenças”, embora expressados, implicitamente, não deixaram de ser considerados preconceito. Por outro lado, o mesmo disse algo que é motivo de muita reflexão ao indagar que, geralmente, o negro quando “vence na vida” tem mais ou menos certo privilégio, porém, isso é um risco, pois tende a dividir os próprios negros entre aqueles que foram bem sucedidos na vida e os que foram mal sucedidos, e essa dicotomia segundo ele, é preconceito do mesmo jeito. Tal reflexão é muito profunda na medida em que admite que o papel social do cidadão seja, fortemente, associado ao aspecto social, isto é, ao status cuos do indivíduo, e sendo negro rico, essa condição soa de forma mais amena.

P- E como você burlou essas situações de constrangimento e racismo para se inserir na sociedade?

C- A maneira que eu achei para burlar não só em relação à cor né! Eu era negro, pobre sem influência, então a coisa era mais grave e para burlar isso só com os estudos, e como a gente sempre nasce com algum dom né! Tem gente que nasce com uma predisposição para estudar e isso me ajudou bastante. A maneira de dar uma tapa no preconceito foi através dos estudos e já comecei a dar sinais que ia ser professor porque mesmo os meninos maiores que eram da elite e às vezes nem eram, mas se achavam e às vezes você se insere num grupo que não lhe cabe e esses meninos com condições muito melhores do que as minhas viam me pedir ajuda nas atividades; era uma maneira de submeter e se curvarem a mim de alguma maneira e depois você percebe que eram traços de preconceito. (CASSILDO, 10min e 9s)

No tocante a essa resposta, compreende-se que sua maior astúcia para burlar essas situações de racismo e preconceito em sua vida foi através do estudo, cuja predisposição já foi bem colocada pelo entrevistado. Outro aspecto de relevância é quando descreve a forma como desde criança se inseria nesse dito grupo da “elite” ao mencionar que de alguma forma os meninos dessa alta sociedade; diz: “vinham me pedir ajuda nas atividades; era uma maneira de se submeterem e se curvarem a mim de alguma maneira”. Nessa frase, os verbos submeter e curvar ganharam uma conotação expressiva e até mesmo estratégica, pois, num contexto onde os negros eram reprimidos, Cassildo conseguiu dar a volta por cima por meio de práticas cotidianas simples, mas que futuramente seriam baluartes para sua ascensão social.

P-O que é ser negro na sociedade brasileira?

C- Ah! Ser negro para mim é orgulho, é vitória, é dificuldade também no Brasil, ser negro para mim significa representar uma raça de muita força que sofreu bastante no passado, que por causa dele o Brasil talvez esteja construído; aí com seu trabalho, com sua força ser negro é motivo de muito orgulho porque quando olho para a história dos meus ascendentes eu fico pensando e comentei com um aluno se eu tivesse nascido duzentos anos atrás, eu não estaria aqui dando aula. Então isso é muito forte, eu chego até a me arrepiar porque para a história duzentos anos não é nada, e eu pequenininho franzino como eu, eu não iria trabalhar e provavelmente não serviria para nada, eles me descartariam da maneira pior possível. (CASSILDO, 4min e 36s)

Nessa descrição, Cassildo pode expressar sua forma de se empoderar com relação a sua cor e origem, revelando profundo orgulho e conhecimento de causa. É, muito consciente da importância de seus “irmãos de cor” para a formação e construção do povo brasileiro e realiza uma analogia comparativa sobre o passado carregada de reflexão ao afirmar que se tivesse nascido a duzentos anos atrás, no contexto de extrema escravização que o Brasil vivia, provavelmente não serviria para nada, sendo ele negro, pobre e sem nenhum talento para

realizar as atribuições que eram destinadas aos negros naquela época e seria com certeza morto. Tal citação é convidativa a importância de sempre se estar olhando para o passado e se colocando no lugar e no contexto histórico que essas personalidades negras do passado eram submetidas.

P- Você pratica alguma manifestação cultural de origem africana? Qual (quais)?

C- Não que eu saiba, porque conheço pouco a cultura negra, mas dos poucos aspectos que conheço não pratico, embora isso não seja tão difícil... Vamos dizer que se eu fosse praticar capoeira que é comum, então, estaria praticando algo que é de origem negra, o gene de negro eu sempre me identifico, lá na minha escola tem um grupo de capoeira e quando vejo eles fazendo aqueles movimentos, inexplicavelmente, eu fico lá eu fico... Com relação à música eu toco violão, mas se soubesse um samba talvez tivesse condições de representa-los melhor, é do gene mesmo, embora não pratiquemos, mas elas de um jeito ou de outro estão inseridos no mundo da gente. (CASSILDO, 3min e 10s)

Nessa afirmação é possível perceber que ele apesar de se mostrar pouco conhecedor dessas práticas africanas, na verdade esconde um desejo e anseio de praticá-las de forma mais contundente e até cita alguns exemplos existentes dentro de seu próprio contexto social com a presença da capoeira, a vontade explícita de aprender mais ritmos musicais africanos como o samba, já que é um talento próprio dele tocar violão. Outra questão interessante é quando ele diz: “quando vejo eles fazendo aqueles movimentos, inexplicavelmente, eu fico lá, eu fico...”. Nessas palavras observa-se o aspecto transcendental, isto é, a cultura negra é tão latente que a metafísica e o sentimento de nostalgia é presente no negro contemporâneo, mesmo estando um pouco distante dessa história.

P- Como você analisa a questão do empoderamento negro na sociedade atual brasileira?

C- Eu tenho vários alunos, perto de mil alunos e eu vejo muito que as meninas negras estão cada vez mais orgulhosas de sua condição, os meninos negros também. Você percebe que eles usam adereços de negros, o cabelo, por exemplo, não é toda menina que aceita fazer prancha no cabelo, eu acho isso espetacular, então esse empoderamento negro, as coisas são lentas, mas ele já deu alguns passos importantes se formos observar em outras situações, pessoas negras que são referências, até pouco tempo nós tínhamos um ministro do Supremo Tribunal Federal negro e com influência grande, você pode concordar ou discordar dele, mas a influencia foi grande, artistas espetaculares como Djavam, Tim Maia, são artistas que gosto muito

e representam essa referência, atrizes como Taís Araújo, a moça do tempo que foi xingada... Mas o fato disso ter acontecendo não supera o fato de está no horário nobre e de ser importante, então isso representa um empoderamento grande. Hoje as pessoas já discutem quando num jogo de futebol alguém tem atitudes de racismo ou preconceito, como aconteceu com o goleiro Aranha, isso repercutiu de forma negativa, e muitas pessoas podem dizer, é mais tudo hoje é preconceito... Não interessa! O fato é que hoje as pessoas discutem e não consideram essas coisas naturais. Isso é resultado de uma conscientização maior e um grito dos negros que não aguentam mais ser xingados e hoje as pessoas não aceitam mais, temos que entender que quem sofre o preconceito é quem sofre, mas nós tivemos passos importantíssimos nesse processo de empoderamento. (CASSILDO, 6min e 60s)

Analisando seu pensamento, Cassildo cita vários exemplos no seu cotidiano escolar de professor, como as madeixas encaracoladas das meninas, ressaltando que hoje é muito difícil uma jovem gostar de passar prancha no cabelo, Várias situações de constrangimento e racismo captados pela mídia, a saber, o caso do goleiro Aranha e da moça do tempo “Marju” dentre outros aspectos, que justificam esse processo de empoderamento do negro na sociedade Brasileira. Outrossim, falou com muita propriedade dizendo que muito embora esses acontecimentos tenham impulsionado a uma certa generalização de que “tudo é preconceito”; o fato é que as pessoas já estão discutindo e conhecendo mais da história dos negros que é nossa própria história, isto é, não encaram mais essas coisas com uma naturalidade que beira a ignorância, mas estão se apropriando desse processo de desconstrução, o que repercute muito positivamente para os avanços referentes ao empoderamento negro.

P- O que você acha que ainda precisa ser feito para que o racismo seja “banido” e os negros possam assumir seus lugares no processo de construção da nossa história?

C- *Eu acho que é uma coisa importante para que esses preconceitos e essas visões estereotipadas e ultrapassadas, se não acabem pelo menos amenizem; a posição do negro é muito importante, a personalidade de não aceitar certas coisas, de tentar se impor, agora mostrando suas capacidades, suas qualidades, seus talentos, isso é essencial porque na hora que você mostra sua competência, a sua postura você está fortalecendo sua raça, mas como se trata de um povo historicamente marcada por essa perseguição e não levar na naturalidade faz com que as pessoas abram os olhos; é uma raça que não está aceitando tudo... Eu não acho que você seja melhor do que eu, mas temos que fortalecer políticas públicas e educacionais, temos que fortalecer os órgãos que trabalham na proteção a raça negra e as pessoas tem que se auto avaliar e entender que ser negro não é uma característica de inferioridade, mas sim uma característica física como alguém é alto e baixo, gordo magro e que ninguém pode ser julgado por isso e não interfere*

no caráter e, tampouco, na competência. Acho que isso vai contribuir bastante, mas é preciso que haja um ambiente favorável para a conscientização. (CASSILDO, 4min e 19s)

Nessa nota, o entrevistado foi muito incisivo e conhecedor das problemáticas que tem tangido o negro, ao destacar que é preciso que os mesmos assumam sua posição e tenham personalidade para enfrentar os desafios que esse novo contexto está imprimindo em suas histórias, fazendo de suas competências, características e talentos sustentáculos para a afirmação e aceitação desses povos que foram marcados por desventuras e injustiças históricas. Atentou também para a importância de oportunizar o surgimento de mais políticas públicas, principalmente no quesito educacional e enfim fortalecer todo e qualquer vínculo social que fortaleça ainda mais a esse ambiente de desconstrução e desnaturalização do negro, para que este seja visto por todos os ângulos de suas capacidades e não somente pela característica fenotípica que tem marcado o contexto do racismo no Brasil.

P- Qual mensagem de otimismo e experiência de vida você deixaria para a posteridade, especialmente para seus “irmãos de cor”?

C- Olha! Eu posso dizer que não há nada no meu entender, mais fortalecedor dessa raça negra do que a educação, a educação é universal, mas para o negro ela caba sendo mais importante, se você se qualificar, se você se preparar você não só terá mais oportunidade como terá instrução suficiente para não aceitar as coisas que dizem dos negros, os estudos nesses aspectos são essenciais. Tenham personalidade, tenham orgulho de ser quem são, porque se você caminhar por essa estrada, certamente você terá orgulho de ser negro, você será respeitado na sociedade e até referência. (CASSILDO, 2min e 30s)

Mais do que inspiradora e transcendente, foi à sapiência com que o entrevistado defendeu essa última resposta, mostrando que apenas o orgulho de ser negro não basta para que estes possam lograr êxito na sociedade. Entretanto, é preciso muito mais discernimento e personalidade para fortalecer e aumentar qualidades que são fundamentais e estão concomitantemente ligadas ao processo de desconstrução histórica. Nesse sentido, muito embora se esteja vivendo um ambiente propício para a discussão em torno da História e cultura africana e a fro-brasileira, o fato é que os negros precisam se “agarrar”, pelo menos até então, a uma das mais sublimes estratégias de sobrevivência que esses povos já conheceram: a educação; pois como Cassildo infere: “a educação é universal, mas para o negro ela caba sendo mais importante” (2min e 30s).

Me considero uma pessoa feliz e afirmo que a minha cor não interferiu muito no meu sucesso, talvez se não tivesse esse gosto pelo estudo, isso poderia ter sido diferente. (EDILSON, 2min e 33s)

O segundo entrevistado foi o Francisco Edilson Ferreira de Souza, filho de Luiz Antônio de Souza e Cícera Félix Ferreira de Souza, nasceu em nove de Outubro de mil novecentos e setenta e oito; reside na Rua Professora Maria Claudino N° 12 no Bairro JK na cidade de Currais Novos/RN e é atualmente funcionário público municipal exercendo a função de agente administrativo. Também, considera-se negro e é uma personalidade bastante conhecida não só por ser um referencial de profissional, mas por ser respeitado por seus conterrâneos e por apresentar uma história de vida marcante. A seguir a entrevista.

P- Qual é a sua história de vida? Conte-nos um pouco.

E- Bom, eu nasci aqui em Currais Novos, de família pobre, né! Negra, quando éramos pequenos sofremos muitos preconceitos aqui na rua, por sermos negros e pobres, mas ao longo do tempo isso foi mudando, depois de nossas conquistas, de termos passado em concursos e seguirmos estudando, temos quatro irmãos formados, eu em Ciências contábeis, meu irmão em pedagogia e o outro que é tecnólogo em gestão pública. Eu comecei a trabalhar com quinze anos estagiando em bancos, depois já fui tesoureiro da gestão anterior, já estagiei em bancos, trabalhei com contabilidade, com licitações e etc. Me considero uma pessoa feliz e afirmo que a minha cor não interferiu muito no meu sucesso, talvez se não tivesse esse gosto pelo estudo, isso poderia ter sido diferente. (EDILSON, 2min e 33s)

P- O que você entende sobre cultura africana e afro-brasileira?

E- Teve uma grande influência africana no Brasil, tem seus lados positivos, trouxe muita coisa boa para a cultura brasileira, trouxe os traços da África para o Brasil, trouxe muita coisa positiva mesmo para a sociedade brasileira. (EDILSON, 1min e 40s)

P- Você já sofreu algum tipo de preconceito ou racismo? Poderia descrevê-lo?

E- Muito bullying no colégio as vezes, por ser negro, até raiva mesmo e inveja porque eu era o mais estudioso das classe, aí eles se vingavam na cor. (EDILSON, 1min)

P- E como você burlou essas situações de constrangimento e racismo para se inserir na sociedade?

E- *Era estudando, estudar foi a nossa grande ferramenta. (EDILSON, 20s)*

P-O que é ser negro na sociedade brasileira?

E- *Hoje o negro na sociedade está mais valorizado, está mais incluso na sociedade, temos as políticas públicas que tem incentivado a isso e diversos outros fatores. (EDILSON, 1min)*

P- Você pratica alguma manifestação cultural de origem africana? Qual (quais)?

E- *Não pratico. Sou evangélico. Eu sei, superficialmente, que tem a religião do Candomblé, né, que foi trazido pelos negros, mas tenho muito respeito e também curiosidade em conhecer mais um pouco sobre. (EDILSON, 1min e 23s)*

P- O que você acha que ainda precisa ser feito para que o racismo seja “banido” e os negros possam assumir seus lugares no processo de construção da nossa história?

E- *Temos que ter incentivos mais consistentes como as cotas raciais, concursos, vestibulares. Tem muita coisa sendo feita, mas eu acredito que o negro poderia se valorizar mais por si mesmo, poderia buscar com mais costume. (EDILSON, 1min e 52s)*

P- Qual mensagem de otimismo e experiência de vida você deixaria para a posteridade, especialmente para seus “irmãos de cor”?

E- *Diria que a valorização do ser humano não está só na cor, mas é preciso buscar, se superar, se valorizar, para buscar seus objetivos. (EDILSON, 45s)*

Analisando essa entrevista, pode-se aventar que Edmilson mostrou-se bastante acessível e objetivo nas suas respostas, sendo que o que mais surpreendeu a pesquisadora foi sua postura otimista, ou seja, conversar com esse entrevistando é como receber uma energia de motivação e personalidade, pois parecia que em nenhum momento deixava que os percalços que surgiram em sua vida, fosse relacionado a cor ou não, afetassem sua autoestima e sua vontade de alcançar o sucesso. Nessa avaliação, também constatou-se que a cor negra nunca foi um empecilho para essa família pobre que conseguiu formar em nível superior quase todos os filhos, ficando muito nítido a ausência dessa dita divisão existente entre o próprio grupo dos negros (Cassildo), é como se para eles, inclusive Edmilson as marcas de negativismo, racismo, desigualdade social e inferiorização que os negros

historicamente sofreram já estivessem sido superadas por essa família, muito embora, claro, implicitamente essas marcas tenham de alguma forma interferido em suas vidas. Outrossim, é perceptível que apesar de não apresentar um conhecimento contundente sobre o tema e uma aparente despreocupação com a “Cor”, a impressão que transborda é a de que o fato de ser humano e de alguma forma deixar seu legado para a posteridade é o que move-o, afinal o aspecto físico, e os sistemas de dominação da sociedade foram como que “superados”, não por não ter conhecimento de causa, mas por que sua vida toca na compreensão metafísica de sua existência, de sua auto-valorização; é algo realmente extraordinário.

Tenho orgulho hoje de ser negra. Tenho orgulho de hoje estar conversando com você e dizendo isso. Mas você pode me perguntar: você teve orgulho antes? Toda vida tive. Eu nunca baixei a minha cabeça diante de certas situações. Eu sempre fui uma pessoa que a cor não fazia com que eu me calasse. (GENEROSA, 8min e 26s)

A última entrevistada foi realizada com a senhora Eliene Generosa dos Santos Amaral, filha de Severino Miguel dos Santos e Luzia Generosa dos Santos, é casada; nasceu no dia dezessete de Outubro de mil novecentos e sessenta e oito, tem 47 anos e é residente na Rua Baldômero Chacon, nº 778, na cidade de Currais Novos/RN. Generosa tem uma longa história de serviços prestados a essa comunidade como professora efetiva desde 1989 e é considerada pela comunidade uma ativista social, pois desempenhou e desempenha alguns trabalhos que tiveram relevância a favor da luta contra o preconceito, o racismo e a discriminação na cidade supracitada, assim como realiza intervenções dentro da sua própria prática docente na escola que atua e tem ligação com a cultura afro-brasileira também como participante da irmandade Negros do Rosário e da comunidade Boa Vista dos Negros em Parelhas/ RN. Segue sua entrevista:

P-Qual é a sua história de vida? Conte-nos um pouco.

G- Bem, eu sou de uma família muito pobre. Meus pais eram agricultores. Morei uma parte da minha infância em um sítio próximo à Mina Brejuí e lá eu estudei até a quarta série. Depois, como lá funcionava o ensino fundamental II durante o turno noturno, minha mãe teve uma preocupação de me trazer para estudar aqui na cidade, aqui em Currais Novos. Foi aqui onde eu estudei o ensino fundamental II e o ensino médio. Tive uma infância muito sofrida, por ser filha de agricultor e por morar na zona rural. A dificuldade era muito grande, a gente andava muito pra chegar da minha casa pra escola, caminhávamos muito. Nesse tempo não havia transporte escolar, então era todo um sofrimento. Então, todos da minha família (eu sou de uma família de sete filhos), todos estudaram e todos passaram por muito sacrifício. Esse sacrifício de caminhar de casa até a escola. E assim,

depois que vim estudar na cidade de Currais Novos, melhorou, porque eu não fazia mais essa caminhada. Mas, eu sofri também porque eu vim morar na casa de uma tia, e você sabe que em casa dos outros, a gente sofre muito. Mas, graças a Deus, venci. Enquanto eu estava no sítio, tive a oportunidade de ajudar nos trabalhos do lar. Aqui na cidade, quando eu vim estudar, também ajudava a minha tia e não tenho vergonha de dizer, também trabalhava de doméstica para que pudesse sobreviver. E assim, logo quando eu concluí o ensino médio no ano de 1987, que no período era magistério, fiz o concurso do município e fui aprovada. No ano seguinte, eu não fui convocada. Eram 26 vagas e eu passei em vigésimo. Mas ainda trabalhei seis meses de serviço prestado e, no ano de 1989, fui convocada para trabalhar no município de Currais Novos. Quando terminei a graduação em Patos, eu tinha um namorado e a gente resolveu casar, porque fazia muito tempo que namorávamos. Aconteceu o nosso casamento e depois, com dois anos, nasceu Adson Emanuel, meu filho único, que hoje tem dezesseis anos; filho meu e do meu esposo Admilson. Adson nasceu e eu fiquei tentando fazer uma especialização, só que Adson era muito pequeno e eu trabalhava. Trabalhei no início da minha carreira como educadora e eu fui logo para a sala de aula. Depois eu fui trabalhar como supervisora de ensino religioso, onde passei um período de quatro anos. Foi quando Adson nasceu e depois veio a questão de quando eu fui convidada pra sair da educação e ir para a secretaria de assistência. Aí na secretaria de assistência, eu trabalhei um bom período com cursos profissionalizantes e com a parte do CCI com os idosos. Depois disso, eu despertei que tinha que fazer uma especialização. Aí foi quando a UFRN trouxe a especialização em supervisão educacional e eu fiz. Hoje eu sou especialista em supervisão educacional e atuo na Escola Municipal Professora Trindade Campelo, com o primeiro ano do ensino fundamental. Até hoje minha trajetória é essa. Sou realizada, graças a Deus, faço o que eu quero gosto muito de trabalhar com as crianças pequenas (por isso optei por trabalhar com a turma do primeiro ano) e gosto muito do que faço. Graças a Deus vou trabalhar todo dia muito feliz, porque a gente sabe da necessidade, trabalho por necessidade e também por amor. (GENEROSA, 32min e 45s)

Intui-se na descrição que Generosa apresenta uma história de superação as dificuldades que sofreu desde sua infância até chegar à sua trajetória de hoje: “Tive uma infância muito sofrida, por ser filha de agricultor e por morar na zona rural. A dificuldade era muito grande, a gente andava muito pra chegar da minha casa pra escola, caminhávamos muito” (GENEROSA 32min e 45s). Por outro lado, é perceptível que ela ainda que tenha vivido essa história de sofrimento, sempre soube contestar essa realidade através de várias artimanhas; trabalhou de doméstica para sobreviver e tinha um interesse nato pelo estudo, interesse esse que, futuramente, passou a ser considerado o baluarte de sua vida. Passou em concursos e atualmente na sua comunidade é considerada uma grande referência de profissional e exemplo de ativismo social.

Diante de tudo, o mais instigador em suas narrações é que a mesma demonstrou bastante propriedade ao falar sobre sua identidade negra, segurança de quem realmente não

estava nos bastidores do processo, mas um sujeito ativo, participante e conhecedor de sua história. Enfim, uma negra que há muito tempo, mesmo antes dessa onda de discussão “afro” já era empoderada de personalidade e atitude á respeito de sua origem e das estratégias que deveria desenvolver para ser aceita na sociedade. Correndo o risco de exagerar, diria até que sua história é brilhante.

P- O que você entende sobre cultura africana e afro brasileira?

G- *Assim, eu entendo que é uma cultura que veio e hoje a gente já percebe que está tendo uma abertura. Na época em que comecei a trabalhar, eu sentia que as pessoas me olhavam com muita rejeição. Assim, de um pai não me aceitar porque eu era uma professora negra. Então assim, a cultura afro chegou para que seja trabalhada nas escolas, para que esses conteúdos possam dinamizar essa prática, porque nós já convivemos com negros, mas a gente não tem essa questão dos conteúdos trabalhados. Então, precisa ser trabalhado, para que as pessoas possam compreender que o negro também faz parte da sociedade. Precisa haver mais essa compreensão. (GENEROSA, 4min e 38s)*

Segundo ela já se tem uma abertura sobre o tema que para a própria representa uma grande conquista, já que teve uma história de luta a favor disso, especialmente ao referir-se que na época que trabalhava sofreu com rejeições de alguns dentro do seu local de trabalho. Porém, o que chama mais à atenção é o fato de que ao dialogar sobre o tema, deixou transparecer sua forte ligação com as práticas escolares, dizendo que o primeiro passo é levar essa cultura afro para dentro das escolas, ajudando a desconstruir o currículo velho e construir novos conteúdos que englobem as relações étnico-raciais, no seu caso, a problematização do negro na sociedade. De acordo com ela é preciso que haja mais compreensão sobre o tema.

P- Você já sofreu algum tipo de preconceito ou racismo? Poderia descrevê-lo?

G- *Eu sofri esse que mencionei anteriormente. De chegar a uma determinada escola (que não irei citar o nome) e não por parte dos meus colegas e nem da direção, mas por parte de um pai. Porque eu era negra, e a mãe chegou e disse que não queria o aluno naquela turma, pois o menino tinha medo de negro. Ela disse que não queria porque o menino tem medo de negro, o menino não gostava de quem era preto. A diretora foi muito categórica, muito sábia. Ela convidou a mãe para ir até a sala da direção, conversou com a mãe e disse que a vaga dele estava na minha turma e que era muito interessante que ela fizesse o teste, pra ela ver se realmente aquilo que dizia iria acontecer. Que fizesse uma adaptação de colocar o menino lá comigo, pra ele passar por uma experiência para ver se dava certo. A mãe atendeu o conselho da direção e o menino ficou durante o ano inteiro comigo. Ele foi um dos melhores alunos, terminou o ano lendo e escrevendo.*

Assim, eu lembro mais que foi fantástico no final do ano, ver o menino lendo e escrevendo, e ela muito feliz com a minha presença, sendo a professora do filho dela. Se a direção também não tivesse conhecimento, poderia ter acontecido um constrangimento. Na verdade, o menino passou o ano inteiro comigo e me queria muito bem, me abraçava, beijava. Nunca vi nenhuma rejeição do menino para com a minha pessoa. Deu tudo certo. Assim, de lá pra cá eu comecei a entender que a gente precisa compreender que é negro, e começar a mostrar a sua importância para as outras pessoas; que você é igual às outras pessoas. O que tem de diferente entre você e eu é a pele, somente. O restante, em termos de conhecimento, de aprendizado, não há diferença. (GENEROSA, 25min e 33s)

Essa narração foi muito especial, pois Generosa descreveu com riqueza de detalhes uma situação explícita de racismo no seu local de trabalho não por parte da equipe, mas de um pai de um aluno, diferente dos outros entrevistados que não se recordavam de terem sofrido racismo explícito. E argumenta porque teria sofrido esse preconceito: “Porque eu era negra, e a mãe chegou e disse que não queria o aluno naquela turma, pois o menino tinha medo de negro. Ela disse que não queria porque o menino tem medo de negro, o menino não gostava de quem era preto (GENEROSA 25min e 33s).

Com a ajuda da diretora, Generosa conseguiu burlar essa situação mostrando suas competências e habilidades enquanto professora, conseguindo não só conquistar o garoto, mas também o ensinou a ler e a escrever e com isso conseguir o respeito do pai do aluno. Todavia, como a maioria dos negros foi vítima de racismo no qual a cor, infelizmente, ainda continua sendo motivo de segregação e precisou afirmar que “O que tem de diferente entre você e eu é a pele, somente. O restante, em termos de conhecimento, de aprendizado, não há diferença”. (GENEROSA, 25min e 33s) Tal afirmação confirma a personalidade forte e consciente de sua importância enquanto pessoa, demonstrando profundo conhecimento de causa.

P- E como você burlou essas situações de constrangimento e racismo para se inserir na sociedade?

G- *Primeiro, eu trabalhei muito na minha cabeça que eu precisava estudar. Eu acho que o estudo hoje é fundamental. Não adianta você querer algo na sua vida se você não estudar. Então assim, eu vejo que tudo isso passa pela educação. Tudo isso passa pela educação. Eu sempre fiz de tudo para estudar, para ter um futuro melhor, para que eu hoje estivesse aqui dizendo para você que eu sou professora há 27 anos, uma professora negra, que já passei por várias escolas do município e sempre aonde chego, sou bem aceita, nunca fui rejeitada por nenhuma escola. Passei pela secretaria de assistência social, fiz trabalhos, aonde cheguei fui bem aceita. Então assim, você precisa ter conhecimento, precisa estudar. Não adianta você dizer que além de ser negro, você não tem nenhum entendimento, pra que você possa falar de igual pra igual, pra que eu possa estar hoje conversando com você.*

Pra que possa estar aqui nós duas dialogando de igual para igual. Então a gente precisa estudar, precisa se especializar, precisa buscar algo que mostre que tudo passa pela educação. Não adianta a gente querer esconder isso. (GENEROSA, 7min e 53s)

E repetidas vezes a ferramenta da educação transfigurada no estudo é citada por todos os entrevistados, constatando que para os negros o estudo sempre pareceu mais fundamental do que para os outros. A entrevistada deixa claro que não adianta você ser negro e fingir que tudo é igual para todos, diz que “Não adianta você dizer que além de ser negro, você não tem nenhum entendimento, pra que você possa falar de igual pra igual, pra que eu possa estar hoje conversando com você. Pra que possa estar aqui nós duas dialogando de igual para igual”. (GENEROSA 7min e 53s). Essa fala é muito profunda na medida em que ela expressa uma consciência extraordinária das dificuldades que o negro passou e passa na sociedade, enfatizando que este sempre teve que fazer muito mais para poder conversar, conviver e mostrar seu potencial de cabeça erguida diante dos outros.

P- O que é ser NEGRO na sociedade brasileira?

G- Eu acho que ser negro hoje é uma coisa que é muito marcante. Porque quando eu olho assim minha cor, eu lembro os meus pais. Eu vejo que sou filha de um negro e de uma negra. Então eu vejo essa questão da cor hoje com muito orgulho. Tenho orgulho hoje de ser negra. Tenho orgulho de hoje estar conversando com você e dizendo isso. Mas você pode me perguntar: você teve orgulho antes? Toda vida tive. Eu nunca baixei a minha cabeça diante de certas situações. Eu sempre fui uma pessoa que a cor não fazia com que eu me calasse. Eu sempre busquei, sempre fiz por onde ser respeitada com a cor que eu tenho. Sempre fui muito bem respeitada. Se eu lhe disser que não sou, é mentira. E eu volto a dizer: você negro, você só é respeitado quando se aceita. Primeiro é preciso se aceitar. Não adianta eu estar aqui falando de negro, se eu não me aceito como uma. Você precisa se aceitar. Quando você se aceita, o outro vai te aceitar também. (GENEROSA, 8min e 26s)

Esse testemunho é a verificação da real representação que Generosa tem sobre si e o impacto que isso tem gerado na sua vida e na visão de outrem; manifestando a consciência positiva que possui em relação a sua cor, demonstrando a todo instante que tem orgulho de sua origem, diz “Então eu vejo essa questão da cor hoje com muito orgulho. Tenho orgulho hoje de ser negra. Tenho orgulho de hoje estar conversando com você e dizendo isso. Mas você pode me perguntar: você teve orgulho antes? Toda vida tive (GENEROSA, 8min e 26s). A fala de generosa é muito segura e transmite uma alocação histórica muito viva, é como se o passado, o presente e o futuro se fundissem numa só expressão, como prova viva de uma fonte/sujeito que fala de sua história com bastante arguição

P- Você pratica alguma manifestação cultural de origem africana? Qual (quais)?

G- *Na verdade o grupo Negros do Rosário é um grupo que é formado mais por homens. Nós mulheres ficamos mais na parte de apoio. Como ficamos mais na parte de apoio, sou uma pessoa que gosta muito de ajudar esse grupo, quando tem questões como na Festa do Rosário, que em todo ano toda a irmandade vai, nós que moramos em Currais Novos temos um grupo e em Parelhas, outro. Na verdade, meu marido é da Boa Vista, dos negros, então é por isso que temos esse elo. Quando chega o período da Festa do Rosário, nós nos juntamos com o pessoal da Boa Vista e todo ano estamos na festa em Jardim do Seridó. Lá é onde a gente comemora realmente no final do ano. Saímos daqui no dia 30 e voltamos no dia primeiro. Lá é onde tem toda a participação de preparar os meninos, arrumar. Hoje meu menino é um rapaz, mas quando ele era menor, eu o arrumava. Desde pequenininho ele começou a pular os Negros do Rosário. A gente tem o maior cuidado de acompanhar, de participar das reuniões, de estar presente, de incentivar. Eu digo muito a ele que a nossa cultura é essa. É participar desses movimentos. Então assim, se a gente não tiver incentivando, eles vão perdendo o gosto pela cultura. E é uma cultura que passa de pai para filho, há muito tempo, muitos anos que essa festa vem acontecendo. Então a gente participa mesmo, de verdade. Quem é da Boa Vista, que tem elo com a Boa Vista, fechamos as nossas casas aqui em Currais, e vamos todo mundo pra Jardim do Seridó. A Festa do Rosário é uma dança, onde tem os meninos que dançam e tem o reinado. Nessa parte tem os meninos que dançam a dança do espantão, e tem o reinado. O reinado elas se vestem. Tem o rei do ano, a rainha, a escritã, é toda uma corte. Lá eles se vestem. No dia 30, quando chegamos lá em Jardim, tem o terço, onde a gente enfeita a casa, que a gente se reúne numa casa bem grande que tem lá. É uma casa que tem 100 pessoas. Às vezes cabe até mais, dando uma apertadinha. Então ficamos nós lá na casa, juntamente com o pessoal da Boa Vista. Nos primeiros dias a gente se reúne, faz a oração do terço, os meninos vão dançando da casa do Rosário até a igreja que tem a festa do Rosário. No outro dia, que é o dia 31, tem o encontro do rei com a rainha. A rainha fica num canto e o rei no outro e eles se encontram na igreja. Enquanto isso, a comunidade de Jardim leva, por exemplo, se a rainha for de lá, a comunidade leva a rainha da casa de onde ela está para a igreja. E a comunidade da Boa Vista leva o rei da casa do Rosário para a igreja. Lá acontece o encontro. Depois desse encontro, tem a missa. Eles fazem as homenagens dentro da igreja. No outro dia, que já é a questão do dia primeiro, tem a missa solene, eles também se arrumam e se apresentam nessa missa, e a tarde tem a procissão e já coroa a rainha e o rei do próximo ano. Um ano é de uma comunidade e o outro, de outra comunidade. Esse ano o rei e a rainha foram de Parelhas, da Boa Vista, e o próximo ano vai ser de Jardim do Seridó. Assim, a gente tem um elo muito grande com a igreja. É uma festa realmente religiosa. (GENEROSA, 41min e 55s)*

Diferente dos outros participantes da colônia de narradores, Generosa tem uma ligação muito forte com a cultura africana, pois faz parte do grupo Negro dos Rosários e explica essa relação por causa da influência da própria cor e de seu marido que é um legítimo integrante da

comunidade Boa Vista dos Negros⁴ na cidade de Parelhas/RN. Quando perguntada se praticava alguma manifestação de origem africana, ela logo demonstrou um desejo forte de descrever os detalhes sobre essa irmandade, destacando a importância de estar dando continuidade aos ritos e crenças expressas dessa cultura através do filho, aventa: “Eu digo muito a ele *que a nossa cultura é essa. É participar desses movimentos. Então assim, se a gente não tiver incentivando, eles vão perdendo o gosto pela cultura*” (41min e 55s). É *motivador* quando a mesma fala que apesar de morar em Currais Novos com a família nunca perdeu a relação com esses grupos de outras cidades circunvizinhas, dizendo que o grupo da cidade sempre se junta com o grupo da Boa Vista e de Jardim do Seridó para juntos celebrarem a dança do espontão junto com outros ritos religiosos, brilhantemente explicados por ela, nessa festa máxima que acontece todos os anos. Portanto, tal testemunho, confirma sua ligação forte com a cultura africana.

P- Como você analisa a questão do empoderamento negro na sociedade atual brasileira?

G- *Na verdade, como eu trabalho numa escola com crianças bem menores, a gente sente que hoje eles gostam mais do natural. Realmente como você nasceu. As meninas gostam muito do cabelo cacheado, que antigamente a gente, eu lembro que quando éramos pequenos lá na minha casa, a gente ficava assim: ah, mas o cabelo, a gente precisa fazer alguma coisa, por que o cabelo é ruim. Aí o que é que a gente vai fazer? Enquanto a gente não assumia realmente a nossa identidade como negra, a gente ficava meio assim: por que fulano tem o cabelo bom e o meu é assim? A gente queria se adequar ao padrão. Mas hoje a gente sente que, eu ainda alongo, mas eu já estou pensando em futuramente não alongar mais. Quando você alonga, você foge um pouco da sua identidade. E assim, quando você fica com o cabelo natural, você vê como é que o negro hoje principalmente, eu estou falando da minha comunidade, que você pode até dizer: Generosa, tem negro com o cabelo bom? Tem. Mas, na minha comunidade, todos os negros tem cabelo ruim. Não tem negro de cabelo bom. Então é assim, quando a gente alonga, a gente perde um pouco da identidade. Eu acho que ainda estou perdendo um pouco nesse sentido, porque realmente era pra ser*

⁴ Na localidade de Quintos [Boa Vista, corrigido a mão], no município de Parelhas, existe um aglomerado de negros que, se diz, são remanescentes do famoso **Quilombo dos Palmares**. São os Negros do Rosário, elementos de uma pigmentação diferente, uma pele de um preto quase azulado. Eles cultuam danças e hábitos que vêm dos seus antepassados e vivem em comunidade como se de fato pertencessem a uma raça diferente. Chegaram a Parelhas certamente **após a Libertação dos escravos**, pela Lei assinada pela Princesa Isabel, quando ficou sem finalidade o Quilombo dos Palmares e seus residentes foram se dispersando, em grupos (Parelhas 1977: 40). Em Boa Vista, comunidade quilombola situada no sertão do Rio Grande do Norte, a devoção à N. Sra. do Rosário e a narrativa de fundação aparecem como sendo os principais marcos identitários do grupo: o ritual e as performances discursivas dos eventos são atualizados e informam sobre as aspirações futuras do grupo. Essa perspectiva permite apreender o discurso nativo das percepções do mundo de um grupo que afirma sua diferença na referência a uma dança e uma história comum (CAVIGNAC, 2007, p.2).

“pixaim”, o cabelo que você nasceu, que Deus lhe deu, pra que você se tornasse mais natural, mais negro. Hoje na comunidade da gente, as meninas já usam o rastafári né, a trancinha, elas já usam. Mas, assim, eu nunca usei, eu só alongo. Mas já estou pensando em deixá-lo natural, pra que eu possa me sentir cada vez mais negra. (GENEROSA, 28min e 31s)

Nessa passagem a fala de Generosa é diretiva para destacar a importância com que a identidade natural já vem sendo colocada pelas crianças por meio dos seus cabelos com trancinha, rastafári, dentro outros. Num outro aspecto, ressaltou seu próprio exemplo ao reconhecer que precisa melhorar nesse quesito, pois ainda não assumiu suas madeixas encaracoladas, mas expressou o desejo de deixá-las naturais para reafirmar ainda mais sua identidade. Por conseguinte, é possível identificar em parte de seu discurso que ainda existe certo preconceito, implícito, com relação ao formato do cabelo negro, como assegurado nas seguintes palavras: “pixaim” e “cabelo ruim”; comprovando como essas construções sociais negativas ainda são fortemente interiorizadas e disseminadas, apesar de muitas vezes fazerem parte do nosso inconsciente. Porém, concluiu-se que ela já pode ser considerada uma “mola propulsora”, no momento em que tem consciência de sua identidade e das formas como o negro tem se empoderado desses artifícios para continuar lutando pela sua afirmação social.

P- O que você acha que ainda precisa ser feito para que o racismo seja “banido” e os negros possam assumir seus lugares no processo de construção da nossa história?

G- *Eu acho assim, que primeiro a cultura afro deve estar dentro das escolas. Porque nós sabemos que foi votado e tá tudo bonitinho no papel, mas aqui nas escolas ainda está faltando isso. E eu acho assim, que essa especialização que vocês estão fazendo, é uma especialização que prepara pra o campo de trabalho que nós temos. Uma especialização que tá preparando, porque também não adiantava você começar um trabalho, se não tem conhecimento. Então assim, essa especialização tá sendo realmente uma coisa muito importante pra que o conteúdo vá realmente para sala de aula. E eu acho que um dos pontos é a atuação desse conteúdo, da cultura afro em sala de aula. No momento que isso acontecer, tudo vai ficar mais fácil. (GENEROSA, 4min e 57s).*

É impressionante como a entrevistada associa a maioria de seus relatos à escola e sua experiência docente, o que, sobremaneira, pode ter servido de justificativa para que com veemência destacasse o valor que a abertura de especializações nessa área possuem para que os negros assumam seus lugares na história, reiterando que primeiro a cultura afro deve ser levada para as escolas e a partir dessa rede de estudos, os professores possam desenvolver as

competências e habilidades necessárias para por em prática na sala de aula um assunto tão complexo e que demanda muito conhecimento. Afinal, é satisfatório saber que a mesma tem conhecimento dessas especializações, inclusive que este estudo é fruto de uma, exatamente a de História e cultura africana e afro-brasileira na cidade lócus da pesquisa Currais Novos.

P- Qual mensagem de otimismo e experiência de vida você deixaria para a posteridade, especialmente seus irmãos de “cor”?

G- *Eu gostaria de dizer que não tenha vergonha de ser negro. Viva realmente a sua identidade, porque nós sabemos que todos nós somos filhos de Deus, e os nossos direitos perante a sociedade talvez nem sejam iguais, mas diante de Deus, todos nós somos iguais. Então assim eu gostaria de dizer que ninguém tenha vergonha de assumir que realmente é negro, e que possa vivenciar isso. Que os pais possam estar passando isso para seus filhos, que os filhos possam passar para os seus filhos e que essa cultura possa caminhar cada vez mais lado a lado família e sociedade. Porque às vezes a gente quer fazer algo, mas a sociedade rejeita. Mas é preciso que a gente tenha coragem de fazer. Se há a rejeição da sociedade, mas faça, faça da sua maneira, que quando você começa a fazer, a sociedade vai enxergar que você tem capacidade, e você pode realmente liderar aquilo que está fazendo. (GENEROSA, 9min e 21s)*

Avaliando suas projeções narrativas e aproveitando o ensejo deixado por esse último questionamento, pode-se aventar que Generosa apresentou um conjunto de reminiscências tão profundas e coesas que poucas foram as “brechas” de análises discursivas deixadas para a pesquisadora, fato esse que evidencia o domínio que a mesma tem sobre sua história, isto é, sua consciência enquanto sujeito da sua própria história, demonstrando ser uma mulher de personalidade forte, ativa e que sempre teve orgulho de sua cor, independente de qualquer dificuldade histórica e social a ela imposta. Outrossim, é interessante notar que em nenhum momento ela enfatizou problemas relacionados a sua condição de “Mulher”, que historicamente sofreram e ainda mais com a concomitância da cor. Tal impressão talvez seja justificada pela transitoriedade das memórias e muitas vezes é sabido que não se tem controle sobre elas. Todavia, ela em quase todas as suas respostas deixou transparecer o desejo de continuar expandindo a tradição oral de sua cultura através das novas gerações, por isso sempre se mostrou espontânea e acessível a entrevista. E é claro, sua ligação com a cultura africana através das irmandades, constatando o protagonismo de quem realmente fala na ótica do negro e não é subjacente a essas práticas.

A História dessa grande mulher comprova que a veracidade dos fatos também pode ser encontrada nas pequenas coisas, nos gestos mais sutis, nas contações mais improváveis e nas

práticas cotidianas. E foi justamente esse conjunto de minúsculas experiências que Generosa construiu e continua a construir as peças do “quebra-cabeça” da sua vida e da História total, mostrando que quando se toma as “rédeas” da própria vida tudo aquilo que conota rejeição social pode se transformar nas mais astutas, ousadas e surpreendentes maneiras de ser, pensar e agir.

V CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por todas as narrativas analisadas e aspectos observados, compreende-se que as memórias negras relatadas nessa pesquisa foram se compondo de maneira que em cada entrevistado foi possível perceber as diferenças e semelhanças, as continuidades e descontinuidades, as projeções de desejos, os comportamentos, dentre vários outros itens que ajudaram a construir a composição das histórias de vida de Cassildo Gomes Rodrigues de Souza; Francisco Edilson Ferreira de Souza e Eliene Generosa dos Santos Amaral.

O primeiro narrou uma história de vida com bastante densidade, demonstrando um desejo imensurável de fazer sua história conhecida, servindo de exemplo, principalmente para os seus “irmãos de cor”. Cassildo é um sujeito de uma erudição invejável, permitindo que o fluxo de suas memórias fossem constantes, dinâmicas e concisas, sendo, portanto, muito detalhadas as maneiras pelas quais descrevia suas estratégias de sobrevivência para conseguir burlar os diversos sistemas de opressão impostos pela sociedade, como a ferramenta dos estudos e as artimanhas que utilizava para se inserir em determinados grupos. Também foi possível perceber nas alocações do entrevistado que este sempre possuiu uma capacidade incrível de se reinventar, assumindo predisposições múltiplas que evoca-nos a reflexão de que o sujeito quando se auto-afirma como ser humano capaz de transformar sua própria história através de suas “artes de fazer”, não há convenções e/ou aspectos econômicos, sociais, políticos e culturais que o impeça de realizar seus sonhos, muito embora tenha sido obrigado a passar por demasiadas dificuldades.

O segundo narrador, por sua vez, revelou-se de modo mais objetivo, descrevendo de um jeito prático suas vivências, além de apresentar uma postura muito otimista a respeito das adversidades a ele impostas. Também chamou à atenção a maneira como o fato de ser negro nunca representou empecilho para que este cidadão pudesse alcançar o sucesso, é algo realmente motivador. Foi possível intuir ainda que a construção de uma narração histórica depende em grande parte do fluxo de quantidade/profundidade que o entrevistado permite-se divulgar; no caso do Edilson foi exatamente a ausência de respostas mais detalhadas e/ou

densas que consentiu a pesquisadora fazer uso desses “não ditos”, e assim analisá-los com maior complexidade.

Nesse sentido, observou-se que apesar de não apresentar um conhecimento contundente sobre o tema e uma aparente despreocupação com a “Cor”, a impressão que transborda é a de que o fato de ser um humano e de alguma forma deixar seu legado para a posteridade é o que move-o, afinal, os sistemas de dominação da sociedade foram como que “superados”, não por não ter conhecimento de causa, mas por que sua vida toca na compreensão metafísica de sua existência, de sua auto-valorização; é algo realmente extraordinário. Outra análise significativa foi que o fato de ter desconhecimento sobre algumas coisas ou demonstrar uma postura tranquila e despreocupada; também, podem ser consideradas estratégias de burlas que, porventura, podem ter sido benéficas, pois, provavelmente livrou-o de um possível processo de auto-inferiorização e/ou preconceitos criados historicamente contra os negros.

Finalizando com Generosa, analisou-se que essa personalidade destacou-se por manter uma forte ligação com a cultura africana através de sua trajetória como integrante da irmandade dos Negros do Rosário e da comunidade Boa vista dos negros na cidade de Parelhas RN. Essa diferença foi muito profícua na medida em que narrou a história de uma negra que não apenas tem orgulho de sua cor e origem, mas porque pratica manifestações culturais de origem africana, além de desenvolver ações de ativismo social em prol dessa cultura, dentro, especialmente dos estabelecimentos de ensino onde trabalha. Tal testemunho comprova seu profundo conhecimento de causa e o desejo de continuar propagando essas tradições para a posteridade. Generosa, é, pois, o exemplo de uma negra que muito antes da abertura de discussão em torno da cultura africana e afro-brasileira no país, já era empoderada de sua identidade, qualidade essa que serviu de suporte para que ela pudesse desenvolver táticas de sobrevivência para que pudesse ser aceita e conseguir o respeito de sua comunidade como cidadã e referência no que tange a cultura negra afro-brasileira.

Portanto, com o intuito de produzir uma triangulação de dados entre os três entrevistados, conclui-se que a problemática dessa pesquisa foi respondida na ocasião em que constatou-se a existência dessas personalidades negras na supracitada cidade e foi narrado com riqueza de detalhes as memórias dessas pessoas por ensejo de suas vivência cotidianas, suas astúcias e estratégias de vida, mostrando como e de que maneiras esses sujeitos podem ser considerados exemplos de resistência, luta e empoderamento negro na sociedade.

Tais exemplos podem ser citados quando os três sujeitos destacaram que dentre todas as estratégias de burla utilizadas para fugir dos preconceitos e opressões sociais, foi o estudo

transfigurado na importância da educação que permitiu a eles alcançar o sucesso na vida e serem respeitados pelo que realmente são, não porque se criou, historicamente, discursos sobre estes. Nesse sentido, foi através de suas múltiplas potencialidades adquiridas por necessidade que tais pessoas foram afirmando suas identidades.

Outro ponto que também merece ser avaliado foi à semelhança entre Generosa e Cassildo no quesito profissão, ambos são professores; similaridade que fez com que suas narrativas fossem em vários momentos direcionadas as vivências em sala de aula e, portanto, a arte da docência, que possibilitou a essa pesquisa uma ponte com os objetivos da especialização que deu fruto a esse estudo.

Essa operação científica propiciou a abertura para novas compreensões, desviando das ideias de que o negro é aquele que sofreu e sofre mais do que qualquer outro, que resistiram mais, que a cor foi quase sempre motivo de preconceito, que o negro sempre teve pouca voz e vez na sociedade, que alguns sempre tenderam a se auto-inferiorizarem; isto é, nem sempre esse negro se sentiu assim e/ou o enxergaram dessa forma. Conclusões essas confirmadas pelos próprios entrevistados.

É preciso ressaltar ainda que as histórias contadas vieram da “boca dos próprios negros”, não de terceiros ou de análises superficiais que ao longo do tempo tenderam a olhar o negro de maneira negativa e pejorativa. Observação que porventura destaca a importância do trabalho com a História oral.

A pesquisa trabalhou com um público que geralmente não é costumeiro dentro da história oral, pois em muitos estudos se enaltecia a entrevista com pessoas mais velhas com mais experiência, em detrimento das outras, pois a intenção foi mostrar que independente da idade, todos fazem história a todo o momento. Por isso, abordou-se histórias com alusão ao presente e as particularidades de cada indivíduo.

Outrossim, a maioria das pesquisas que se tem conhecimento foram feitas com sujeitos pertencentes, em sua maioria, as irmandades e geralmente eram pessoas com pouco grau de instrução. E foi exatamente o que esse estudo apresentou, revelando que o negro também teve sucesso; que para alguns deles sua cor muito pouco tenha sido empecilho para nada, ou seja, a diferença está apenas na cor, no aspecto físico e nada mais.

A investigação trouxe em evidência o negro que tem conhecimento de causa e que de algum jeito foi tocado pelo estudo. Personalidades comuns da sociedade atual que desempenham funções e que muitas vezes não são reconhecidos pelos seus feitos. Sendo, pois, essa predisposição para o estudo, a necessidade suprema de suas vidas, talvez porque

sendo negro e um negro que estuda e tem “status”, este possa ser mais respeitado numa sociedade que ainda é muito racista e desigual.

Contudo, concluiu-se que as memórias aqui problematizadas e que foram transformadas nas folhas desse artigo em História, comprovaram que através de suas astúcias, trejeitos, ousadias, espertezas, estratégias e diferentes maneiras de praticar “as artes de fazer”, o negro transfigurado nos sujeitos entrevistados mostrou que é cabível burlar os percalços impostos historicamente e presentemente pelos sistemas de dominação da sociedade, revelando que essas dificuldades podem ser minimizadas na medida em que o indivíduo deixa-se ser tocado pelas suas potencialidades e valoriza aquilo que é mais sagrado para a humanidade: a vida, nas suas multifacetadas formas de manifestação.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **Histórias dentro da história**. In: PINSKY, C. B. et al. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 155.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. **Plano Nacional de implementação das diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico- raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília: MEC, SECADI, 2013.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **História e paradigma rivais**. In: Cardoso & Vainfas, 1997

CAVIGNAC, Julie Antoinette. **Os Filhos de Tereza: narrativas e religiosidades na Boa vista dos Negros/RN**. UFRN. 2007, p.2.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Anne- Marie. HÉBRARD, Jean. **A invenção do cotidiano: uma leitura, usos**. Proj. História. São Paulo, 1998.

CUTI, Luiz Silva. **Batuque de tocaia**. São Paulo: ed. do autor, 1982.

IBGE. Currais Novos. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?codmun=240310>. Acesso em 20/04/2016.

JOB, Sandra Maria. Câneone, **Feminismo, Literatura: Relações e implicações**. Revista eletrônica Falas Breves, Literatura e sociedade. UFPA, v. 2. 2015.

KAUARK, Fabiana. MANHÃES, Fernanda Castro. MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia da pesquisa: guia prático**. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

MATTOS, Maria Regina Mendonça Furtado. **Vila do príncipe – 1850/1890. Sertão do Seridó – um estudo de caso da pobreza**. Rio de Janeiro, 1985, p. 38-77.

NORA, Pierre. **Entre memória e História. A problemática dos lugares**. Proj. História. São Paulo, 1993.

PINTO, Julho Pimentel. **Os muitos tempos da memória**. Proj. História. São Paulo, 1998.

SILVA, Stefani. **Literatura Afro-Brasileira: uma identidade em questão**. Revista Iluminart do IFSP Volume 1 n. 4, Sertãozinho, Abril de 2010, pp. 21-28.

SOUZA, Florentina da Silva. **Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

VEYNE, Paul. **Como se Escreve a História e Foucault Revoluciona a História**. 4. ed. Brasília: Universidade de Brasília (UnB), 1998.

FONTES

AMARAL, Eliene Generosa dos Santos. Currais Novos, 04 de Abr. 2016. Entrevista concedida a Thamara Juliana Macedo Costa.

SOUZA, Cassildo Gomes Rodrigues de. Currais Novos, 02 de Març. 2016. Entrevista concedida a Thamara Juliana Macedo Costa.

SOUZA, Edilson Ferreira de. Currais Novos, 27 de Fev. 2016. Entrevista concedida a Thamara Juliana Macedo Costa.